



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
CIÊNCIAS DA VIDA E DA NATUREZA
(ILACVN)**

SAÚDE COLETIVA

**TRABALHO E PROCESSOS SOCIAIS DE SAÚDE-DOENÇA:
TRABALHADORES HAITIANOS NO SUL DO BRASIL**

WENDY LEDIX

Foz do Iguaçu,
2018



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
CIÊNCIAS DA VIDA E DA NATUREZA
(ILACVN)**

SAÚDE COLETIVA

**TRABALHO E PROCESSOS SOCIAIS DE SAÚDE-DOENÇA:
TRABALHADORES HAITIANOS NO SUL DO BRASIL.**

WENDY LEDIX

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Ciências da Vida e da Natureza da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Saúde Coletiva.

Orientadora: Profa. Dra. Édina Mayer Vergara

Foz do Iguaçu,
2018

WENDY LEDIX

**TRABALHO E PROCESSOS SOCIAIS DE SA[UDE-DOENÇA:
TRABALHADORES HAITIANOS NO SUL DO BRASIL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Saúde Coletiva.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. (Titulação) (Nome do orientador)
UNILA

Prof. (Titulação) (Nome do Professor)
(Sigla da Instituição)

Prof. (Titulação) (Nome do Professor)
(Sigla da Instituição)

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): _____

Curso:

	Tipo de Documento
(.....) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(.....) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....)

Título _____ do trabalho acadêmico: _____

Nome do orientador(a):

Data da Defesa: ____ / ____ / ____

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons* **Licença 3.0 Unported**.

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho a todos os trabalhadores migrantes haitianos que cruzaram fronteiras em busca de novas oportunidades e apesar das vicissitudes da "vida enquanto migrante" continuam seguindo em frente com toda dignidade e mantêm o dever moral de ajudar a quem ficou no Haiti (parente e/ou amigo) através de remessas.

AGRADECIMENTOS

Gratidão infinita às vibrações naturais pela vida, segurança e sobretudo esperança. Nelas, encontrei a bagagem necessária para terminar o curso de Saúde Coletiva e finalizar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

À minha família, mesmo distante fisicamente, que sempre esteve ao meu lado, me apoiando nos meus projetos.

À minha namorada que me deu plena assistência durante a pesquisa e que nunca desacreditou na minha capacidade de conquista.

Aos meus parentes e amigos tanto no Haiti quanto no Brasil que de uma maneira ou outra têm me ajudado a superar as peripécias da vida enquanto imigrante negro no Brasil.

A todos os professores que contribuíram no meu ensino -infantil, primário, secundário e superior-.

À minha orientadora não somente pela constante orientação acadêmica, mas também por pensar além dessa racionalidade ao dizer: *"Nunca deixe de fazer algo a mais quando envolve o bem do outro!"*

Aos professores da banca por terem aceito o convite.

Aos colegas do Curso com os quais, de forma geral, eu tive a oportunidade de trocar experiências e entender o princípio da interculturalidade e particularmente aos meus conterrâneos David Jean Bart, Indy Plancher, James Berson Lalane, Jouverson Francique, Lourdy Regis e Pascal Jean que me fizeram pensar ainda mais que um outro Haiti é possível.

A todos os participantes desta pesquisa pela disponibilidade e pelo apredizado de como viver enquanto imigrante numa estrutura opressiva.

À Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) pelo que ela está sendo.

À Prefeitura Municipal de Coronel Vivida por ter apoiando a Primeira Noite Cultural Haitiana que, de certo modo, representa uma ferramenta a mais para a concretização da pesquisa.

Agora que estou na fase final deste tópico, tomei a plena consciência de como está sendo difícil registrar o carinho das inúmeras pessoas que contribuíram a tornar mais

prazerosa a tarefa de produzir este TCC. Sinceramente dois sentimentos percorrem o meu ser neste exato momento. De um lado, o medo de esquecer alguns nomes. Do outro, a resignação diante do fato de que, de uma maneira ou de outra, esquecerei alguns que nem por isso mereceriam menos aparecer nesta lista. Seja-nos permitido destacar, no entanto, os colegas do grupo de pesquisa sobre trabalho da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA). Especialmente o professor Gil Almeida Felix, a professora Juliana Guanais... A temática é nossa e eu dou-lhes "*rendez-vous au sommet*".

A tortura deu lugar às descobertas mecânicas mais engenhosas, cuja produção dá trabalho a uma imensidade de honestos artesãos.
Karl Marx

LEDIX, Wendy. **Trabalho e processos sociais de saúde-doença**:trabalhadores haitianos no sul do Brasil. 2018. 71 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Saúde Coletiva) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo investigar as condições de recrutamento, demissão, trabalho e saúde de trabalhadores imigrantes haitianos no Município de Coronel Vivida, vinculados à indústria de alimentação, especificamente, um frigorífico do Sudoeste do Paraná, sediado em Itapejara d'Oeste. Vários fatores têm impactado na vida destes trabalhadores. Esses impactos sobre os trabalhadores em geral, e, em específico, trabalhadores de linha de produção frigorífica, cuja desproteção trabalhista é evidenciada através dos riscos e acidentes de trabalho. No quadro de uma força de trabalho ambulante que logo transformou-se em proletariado precário, a temática do "problema social" está à superfície, devido à falta de fiscalização por parte de órgãos que prestam proteção aos trabalhadores, favorecendo o manutenção de um ambiente provido de salubridades, especializado na pipocação de acidentes de trabalho de diversas escalas e várias ordens. A coleta de dados se deu junto a migrantes haitianos, trabalhadores do setor frigorífico de abate de aves através de entrevistas, diálogo e convivência durante as férias do ano letivo de 2018, o que permitiu identificar a explícita e a extrema exploração do trabalho em frigorífico envolvendo riscos para a saúde do trabalhador basicamente em dois tipos: riscos de doenças ocupacionais e riscos de traumas ou lesões. Assim, o elemento analítico mais importante do processo de trabalho para a compreensão da saúde é o trabalho mesmo, no caso, ambos como precarização da vida.

Palavras-chave: Trabalho. Saúde. Trabalhadores Imigrantes Haitianos. Precarização. Exploração.

LEDIX, Wendy. **Health-disease work and social processes**: Haitian workers in southern Brazil. 2018. 71 p. Completion of course work (Graduation in Collective Health) – Federal University of Latin American Integration, Foz do Iguaçu, 2018.

ABSTRACT

This research aims to investigate the conditions of recruitment, dismissal, work and health of Haitian immigrant workers in the Municipality of Coronel Vivida, linked to the food industry, specifically, a refrigerator in the Southwest of Paraná, based in Itapejara d'Oeste. Several factors have impacted the lives of these workers. These impacts on workers in general, and, in particular, workers in the refrigeration production line, whose labor protection is evidenced through risks and accidents at work. Within the framework of a mobile labor force that soon became a precarious proletariat, the theme of the "social problem" is on the surface, due to the lack of supervision by organs that provide protection to the workers, favoring the maintenance of a provided environment of salubrities, specialized in the popup of work accidents of diverse scales and several orders. Data collection was carried out with Haitian migrants, workers from the poultry slaughterhouse industry through interviews, dialogue and coexistence during the holidays of the 2018 school year, which allowed the identification of the explicit and extreme exploitation of work in a refrigerator involving health risks of the worker basically in two types: risks of occupational diseases and risks of trauma or injuries. Thus, the most important analytical element of the work process for understanding health is work itself, in this case both as precariousness of life.

Key words: Job. Health. Haitian Immigrant Workers. Precariousness. Exploration.

LEDIX, Wendy. **Trabajo y procesos sociales de salud-enfermedad:** trabajadores haitianos en el sur de Brasil. 2018. 71 p. Trabajo de fin de curso (Graduación en Salud Colectiva) – Universidad Federal de la Integração Latinoamericana, Foz do Iguaçu, 2018.

RESUMEN

Esta investigación tiene por objetivo indagar las condiciones del reclutamiento, del despido, del trabajo y de la salud de los trabajadores inmigrantes haitianos en el Municipio de Coronel Vivida, vinculados a la industria de alimentación, específicamente, una nevera del Sudoeste de Paraná, con sede en Itapejara d'Oeste. Varios factores han impactado en la vida de estos trabajadores. Estos impactos se sienten sobre los trabajadores en general, pero de forma específica en trabajadores de línea de producción frigorífica, cuya desprotección laboral se evidencia a través de los riesgos y accidentes de trabajo. En el marco de una fuerza de trabajo ambulante que luego se transformó en proletariado precario, la temática del "problema social" está a la superficie, debido a la falta de fiscalización por parte de órganos cuya atribución es la protección de los trabajadores, situación que favorece el mantenimiento de un ambiente de salubridad, mismo que ha propiciado el estallido de accidentes de trabajo de varias índoles. La recolección de datos se dio junto a migrantes haitianos, trabajadores del sector frigorífico de matanza de aves a través de entrevistas, diálogo y convivencia durante las vacaciones del año escolar de 2018, lo que permitió identificar la explícita y extrema explotación del trabajo en nevera involucrando riesgos para la salud del trabajador básicamente en dos tipos: riesgos de enfermedades ocupacionales y riesgos de traumas o lesiones. Así, el elemento analítico más importante del proceso de trabajo para la comprensión de la salud es el trabajo mismo, en ese caso, ambos como precarización de la vida.

Palabras clave: Trabajo. Salud. Trabajadores Inmigrantes Haitianos. Precariedad. Explotación.

LEDIX, Wendy. **Travail e processus sociaux de santé-maladie**: Travailleurs haïtiens dans le sud du Brésil. 2018. 71 p. Travail de Conclusion de Cours (Licence en Santé Collective) – Université Fédérale de l'Intégration Latino-Américaine, Foz do Iguacu, 2018.

RÉSUMÉ

Cette recherche a pour objectif d'enquêter sur les conditions de recrutement, de renvoi, de travail et de santé des travailleurs immigrants haïtiens dans la municipalité de Coronel Vivida, liées à l'industrie alimentaire, notamment un réfrigérateur situé au sud-ouest de Paraná, à Itapejara d'Oeste. Plusieurs facteurs ont eu une incidence sur la vie de ces travailleurs. Ces impacts concernent les travailleurs en général, et en particulier les travailleurs de la chaîne de production de réfrigération, dont la déprotection du travail est mise en évidence par les risques et les accidents de travail. Dans le cadre d'une force de travail mobile devenue rapidement un prolétariat précaire, le thème du "problème social" est à la surface, en raison du manque de supervision par des organes assurant la protection des travailleurs, favorisant le maintien d'un environnement pourvu de salubrités, spécialisé dans la croissance d'accidents du travail de différentes échelles et plusieurs ordres. La collection de données a été réalisée avec les migrants haïtiens, les travailleurs de l'industrie de l'abattoir de volailles (au moyen d'entretiens, de dialogues et de la coexistence au cours des vacances de l'année académique de 2018, ce qui a permis d'identifier l'extrême et explicite exploitation du travail dans un réfrigérateur comportant des risques pour la santé du travailleur, basiquement en deux types: les risques de maladies professionnelles et les risques de traumatismes ou de blessures. Ainsi, l'élément analitique le plus important du processus du travail pour la compréhension de la santé, c'est le travail lui-même, dans ce cas-ci, les deux comme la précarité de la vie.

Mots-clés: Travail. Santé, Travailleurs immigrants haïtiens. Précarité. Exploration.

LEDIX, Wendy. **Travay epi pwosesis sosyal sante-maladi**: Travayè ayisyen nan sid Brezil. 2018. 71 p. Travay Konklizyon Kou (Lisans nan Sante Kolektif) – Inivèsite Federal Entegrasyon Amerik Latin nan, Foz do Iguaçu, 2018.

REZIME

Rechèch sila gen pou objektik ankete sou kondisyon rekritman, demisyon, travay ak sante kèk travayè imigran ayisyen nan vil Coronel Vivida ki gen lyen ak endistri alimentasyon, espesyalman, yon labatwa poul ki nan sidwès eta Paraná, ki nan yon vil yo rele Itapejara d'Oeste. Plizyè faktè fè enpak nan vi travayè sa yo. Enpak sa yo se sou gravayè an jeneral epi espesifikman sou travayè ki nan lin pwodiksyon labatwa, kote mank pwoteksyon travay parèt klè atravè risk ak aksidan travay. Nan kad yon fòs travay anbilan ki vin tounen yon pwoletarya prekè, tematik "pwoblèm sosyal" la rete anlè, avèk mank fiskalizasyon ògàn ki la pou pwoteje travayè yo, pandan yap favorize mentyen yon espas ki chaje ak malpwòpte, ki la pou multipliyè aksidan travay nan divès echèl e plizyè lòd. Kolekyon done yo fèt ansanm ak migran ayisyen kap travay nan sektè labatwa poul atravè entèvyou, dyalòg ak viv ansanm pandan vakans ane akademik 2018 la, sa pèmèt mwen idantifye a klè ekstrèm eksplorasyon travay nan labatwa ki gen a wè a risk pou sante travayè bazikman an de tip: riks maladi travay ak riks twomatizasyon ak blesi. Konsa, eleman analitik ki pi enpòtan nan pwosesis travay pou konprann sante se travay la menm, nan ka sa a, tou de, tankou prekarizasyon vi a.

Mots-clés: Travay, Sante, Travayè imigran ayisyen. Prekarite. Eksplorasyon.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 DESENVOLVIMENTO	16
CAPÍTULO 1: PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	16
CAPÍTULO II: JE TRAVAILLE, TU TRAVAILLES, IL (ELLE) TRAVAILLE.....	19
2.1. A mobilidade da força de trabalho haitiano.....	23
2.2. O precariado haitiano no universo brasileiro.....	35
2.2.1. <i>O recrutamento.....</i>	<i>35</i>
2.2.2. <i>O processo laboral e a vida no trabalho.....</i>	<i>36</i>
CAPÍTULO III: A SAÚDE DO TRABALHADOR.....	46
3.1. Do trabalhador ao trabalho a DOR (t)/ LER.....	49
3.2. O adoecimento no trabalho.....	52
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	64
APÊNDICES.....	70
APÊNDICE A – ROTEIRO DE PESQUISA	71
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	72

1 INTRODUÇÃO

"Ninguém, que eu saiba, pôs o pé nesse campo [*doenças dos operários*] onde se podem colher messes não desprezíveis acerca da sutileza e da eficácia das emanações.[...] É, certamente, um dever para com a mísera condição dos artesãos cujo labor manual muitas vezes considerado vil e sórdido é contudo necessário e proporciona comodidades à sociedade humana[...]" (Ramazzini, 2016, p.294)

A sociologia do trabalho toma emprestada da sociologia geral uma série de conceitos: o grupo, a categoria, o estrato, a camada, o status, o agregado, o ambiente, a classe, - para citar apenas os termos usados com mais frequência - constituem uma rede conceitual que parece ser tecida tão fina o suficiente para não deixar nada fora do alcance dos trabalhadores, ou seja para não deixar escapar nada no que tange aos trabalhadores. De fato, esses vários conceitos colidem de tantas maneiras que eles se desafiam mutuamente (DAVID, 1967).¹

Durante o período de tempo da década de 2000 - 2010, grandes transformações econômicas e a organização do setor da indústria frigorífica do Brasil fizeram com que ele se tornasse um dos líderes em produção e exportação de proteína animal, ocupando posição de destaque no cenário mundial de agronegócio. Segundo a expectativa do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), até o ano de 2020, é de que a produção nacional de carnes suprirá 44,5% do mercado mundial, sendo que a carne de frango terá 48,1% de participação nas exportações e a suína, 14,2%. Estas estimativas apontam que o Brasil poderá manter a posição de primeiro exportador mundial de carnes bovina e de frango (BRASIL, 2012).

Para isso, é preciso uma rotatividade constante da força de trabalho. A emergência do Brasil fez com que certos cargos ficaram sem operários. Os trabalhadores entram e saem, e muitas vezes não voltam mais. Contudo, uma força de trabalho permanente responderia melhor às exigências do mercado local e

¹ Título original em francês com tradução do autor: "La sociologie du travail emprunte à la sociologie toute une série de concepts: le groupe, la categoria, la strate, la couche, le statut, l'agrégat, , le milieu, la classe, - pour ne citer que les termes les plus frequemment utilisés- constituent un filet conceptuel qui paraît tissé assez finement pour ne rien laisser échapper de ce qui a trait aux travailleurs. En fait, ces divers concepts s'entrechoquent en tant de points qu'ils en arrivent à se mettre mutuellement en question."

internacional. A chegada dos migrantes haitianos não foi um planejamento que vem de cima.

A imigração haitiana no Brasil é um fenômeno social que, embora recente (os primeiros registros desta presença no país são do final de 2010), insere-se em um contexto de diversos processos históricos de emigração (Cuba, República Dominicana, Estados Unidos, Canadá, França e Bahamas) que, desde meados do século XIX, têm produzido no Haiti uma tradição migrante. No Brasil, pelo menos 85 mil haitianos e haitianas tiveram no país local de destino ou de trânsito, ressaltando a existência de estratégias migratórias internas no Brasil e mesmo para outros países (MAGALHÃES, 2018). Atualmente, seriam mais de 39 mil haitianos no país, concentrados principalmente nos estados das regiões Sul e Sudeste. Porém, os dados e as informações oficiais são ainda pouco precisos sobre esse fluxo migratório ou sobre as condições de vida e trabalho dessas populações nestas regiões.

Pesquisas recentes sobre a circulação de haitianos na Amazônia acreana têm ressaltado algumas características importantes sobre o recrutamento do trabalhador imigrante haitiano no Brasil (MAMED; LIMA, 2016). O perfil do estrangeiro selecionado pelas empresas é bastante específico: homem, jovem, saudável, solteiro, sem filhos, e com algum tipo de experiência laboral. Por outro lado, os postos de trabalho oferecidos a eles são associados a setores de produção que nos últimos anos submetem trabalhadores a condições precárias de trabalho. E, tal como em outros contextos de recrutamento que convencionalmente envolvem o que se designa como trabalho migrante (ou trabalho para migrantes), estes postos de trabalho também se caracterizam por maiores adoecimentos dos trabalhadores, burla ou ausência de direitos trabalhistas e ampliação da vulnerabilidade social das famílias.

Apesar da escassez de informação e das dificuldades envolvidas na produção de dados sociais a respeito, as investigações e os dados sobre a saúde disponíveis sobre os trabalhadores migrantes apontam que há uma maior vulnerabilidade a doenças e a outras enfermidades específicas de sua condição (PRADO; COELHO, 2015). Com efeito, esses trabalhadores apresentam taxas de acidentes de trabalho mais elevadas.

Alguns estudos referem que o trabalho migrante pode também ter um impacto negativo na saúde mental dos trabalhadores, sugerindo que as populações

imigrantes se encontram em maior risco de vir a sofrer de doenças mentais, nomeadamente depressão, esquizofrenia e estresse pós-traumático, como resultado de diversos fatores de stress presentes ao longo do processo de migração e ao trabalho por elas exercido (DIAS; GONÇALVES, 2007)

Cabe notar que o capitalismo contemporâneo, desde meados da década de 1970, se insere em um contexto de crise com consequente adoção de formas flexíveis de gestão e de produção ofensiva do programa neoliberal e profundas alterações na morfologia do trabalho (NETTO, 1993). É sob este contexto histórico de mobilidade e circulação do capital que a força de trabalho dos trabalhadores haitianos tem sido recrutada e explorada no Brasil e em outros países.

No Brasil, particularmente na década de 1990, as transformações geradas pela nova *divisão internacional do trabalho* foram de grande intensidade, já que partiram de uma dinâmica interna, característica dos países de industrialização dependente, fundada na superexploração da força de trabalho. A imposição de baixos salários, associados a ritmos de produção intensificados e jornadas de trabalho prolongadas, foi ainda acentuada pela desorganização do movimento operário e sindical, imposta pela vigência, entre 1964 e 1985, da ditadura militar (ANTUNES, 2014).

A concentração de trabalhadores estrangeiros em sua maioria, e haitianos em particular, em setores mais precários do mercado de trabalho formal no Brasil, atesta, em realidade, as estratégias clássicas de utilização do trabalho imigrante para um emprego sub-remunerado. Estas categorias de superexploração da força de trabalho haitiana nos frigoríficos são pensadas mesmo antes do momento de admissão do trabalho, e estão orientadas tanto para a apropriação de parte do valor do salário do trabalhador pela empresa como para o incremento da intensidade do trabalho (MAGALHÃES, 2016)

A pressão pela capacidade imediata de resposta dos trabalhadores às demandas do mercado, cujas atividades passaram a ser ainda mais controladas e calculadas em frações de segundos, assim como a obsessão dos gestores do capital em eliminar completamente os tempos mortos dos processos de trabalho, tem convertido, paulatinamente, o ambiente de trabalho em espaço de adoecimento (ANTUNES; PRAUN, 2015).

Ante o exposto, tal problematização se faz necessária para melhor compreender as condições de recrutamento, demissão, trabalho e saúde dos trabalhadores haitianos no Município de Coronel Vivida - PR:

- 1.- Qual o entendimento teórico-prático da categoria trabalho?
- 2.- De que forma os haitianos chegaram no Brasil até conseguirem ser raptados pelo mercado de trabalho?
- 3.- Como se dá o processo de trabalho dos mesmos?
- 4.- Quais os riscos à saúde às quais estes estão submetidos?
- 5.- O que deveria ser feito para uma justa e plena inserção dos mesmos no mercado de trabalho?

Vale lembrar que o presente trabalho de conclusão de curso foi estruturado em três capítulos, no primeiro trata-se do percurso metodológico da pesquisa e os dois outros procuram contribuir com a análise do objetivo de estudo já exposto e em conformidade ao perfil do egresso em Saúde Coletiva, que diz:

O bacharel em Saúde Coletiva da UNILA terá uma formação generalista, humanista, crítica e reflexiva. Será qualificado para o exercício de atividades no campo da Saúde Coletiva relativas à análise e à intervenção em políticas e sistemas de saúde, pesquisa e em serviços, no âmbito público e privado. Esse profissional será capaz de problematizar as situações de saúde em contexto local, regional, nacional e internacional, em todos os níveis de gestão e de atenção à saúde; atuando na promoção da saúde e na melhoria da qualidade da vida humana, pautado em princípios éticos, legais e na compreensão da realidade social, cultural, política e econômica do seu meio, com base no rigor científico e intelectual, dirigindo sua atuação para a transformação da realidade em benefício da sociedade (PPC,2014).

No segundo capítulo, aborda-se o conceito "trabalho" sob várias vertentes, a questão da mobilidade da força de trabalho haitiano e logo em seguida, o precariado haitiano no universo brasileiro.

No terceiro capítulo, vai-se mostrar como o termo "trabalhador" torna-se em "trabalho a dor(t)" e apresentar criticamente o caminho do adoecimento e/ou morte no trabalho.

Uma análise dos dados coletados durante a pesquisa e a sua interpretação frente à tangibilidade da vida cotidiana vai nos permitir finalizar o TCC por meio de exposição dos resultados.

CAPÍTULO 1: PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Trata-se de uma pesquisa de natureza exploratória com dados obtidos por meio de observação direta e de entrevistas com um conjunto de trabalhadores haitianos vivendo no Município de Coronel Vivida - PR²

O roteiro de entrevista foi composto de questões fechadas e abertas que abrangem informações demográficas, socioeconômicas, domínio de idiomas e relativas ao trabalho que cada entrevistado estiver exercendo no momento da enquete, incluindo informações sobre exposição a riscos ocupacionais, caracterização das condições/relações de trabalho e manifestações de sofrimento. Assim, a pesquisa visará também uma abordagem sócio-antropológica das experiências subjetivas das condições de trabalho e das possíveis enfermidades laborais, uma vez que obterá informações que possibilitarão apreender a perspectiva dos indivíduos com os quais se vier a estabelecer contato.

A primeira fase da pesquisa foi baseada em uma revisão bibliográfica. Serão selecionados livros e artigos científicos das temáticas gerais e específicas do projeto para leitura e conhecimento. Para isso, os bancos de dados de algumas universidades do Estado do Paraná foram visitados e algumas bibliotecas online, tais como: scielo, lilacs, bireme, entre outras.

2 Coronel Vivida é uma cidade do Estado do Paraná. Os habitantes se chamam coronel-vividenses. O município se estende por 684,4 km² e contava com 21 749 habitantes no último censo (IBGE, 2010). A densidade demográfica é de 31,71 habitantes por km² no território do município. Vizinho dos municípios de Chopinzinho, Honório Serpa e São João, Coronel Vivida se situa a 29 km a Norte-Leste de Pato Branco a maior cidade nos arredores. Situado a 789 metros de altitude, de Coronel Vivida tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 25° 59' 20" Sul, Longitude: 52° 33' 15" Oeste.

Fez-se uso de materiais utilizados no decorrer do curso, especificamente na disciplina de "Saúde do Trabalhador" e "Tópicos em Sociologia: Trabalho, Mobilidade e Migração". Tanto o Código Sanitário do Paraná como o Plano Pedagógico do Curso (PPC) de Saúde Coletiva também compuseram o bolo alimentar deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Para a obtenção de dados, utilizou-se a observação de campo (observação participante) e questionário semiestruturado para que os interlocutores estabeleçam uma situação de entrevista aberta, norteada por perguntas tais como: *Conte-me como está sendo a sua experiência no trabalho; Como você avaliaria a segurança que existe na unidade onde trabalha; Fale para mim como foi a sua inserção no mercado de trabalho; Você já sofreu um acidente de trabalho?...*

Ao iniciar cada entrevista, o entrevistado assinou um termo de compromisso livre e esclarecido (disponível em apêndice), afirmando que está de acordo e pretende participar da pesquisa. Foi, a priori, elaborado um roteiro de pesquisa (também disponível em apêndice) que nos serviu de *Global Positioning System*³ (GPS) na nossa caminhada para chegar até o término das entrevistas.

A pesquisa de campo -concretizada durante três visitas *in loco* - foi constituída por oito (8) entrevistas e dois grupos focais. Morgan (1997) define grupos focais como uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Como técnica, ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Pode ser caracterizada também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos (VEIGA & GONDIM, 2001). Durante a Segunda Guerra Mundial os grupos focais foram utilizados para examinar os efeitos persuasivos da propaganda política, avaliar a eficácia do material de treinamento de tropas, bem como os fatores que afetavam a produtividade nos grupos de trabalho. A partir de 1980 os grupos focais passaram a ser empregados para entender as atitudes de doentes, o uso de contraceptivos e para avaliar a interpretação da audiência em relação às mensagens da mídia (MORGAN, 1997; VEIGA & GONDIM, 2001)

3 GPS é a sigla para *Global Positioning System*, que em português significa "Sistema de Posicionamento Global", e consiste numa tecnologia de localização por satélite. Neste contexto, ela é utilizada como "guia".

Com o intuito de me aproximar mais da comunidade haitiana de Coronel Vivida a fim de poder coletar os dados com mais interação e confiança, organizamos, com o total apoio da prefeitura de Cidade e de algumas entidades do setor privado, a primeira noite cultural nesta cidade. Dois dias antes da atividade, a notícia saiu no diário do sudoeste e espalhou-se pela região.

(...)A Noite Cultural Haitiana consistirá em um jantar, no qual serão servidas algumas comidas típicas haitianas, de acordo com as possibilidades de ingredientes existentes que os organizadores encontraram.

Na ocasião, serão servidos o Aleken (feijão e arroz feito na mesma panela); Bannann Peze ak Vyann Poul (banana da terra achatada e frita com frango); Legim (carne bovina cozida com vários legumes, em que os legumes são amassados); Pikliz (uma salada de cenoura, repolho e pimentão) e Salad (salada de batata, beterraba e maionese).

Segundo Karina, as comidas serão preparadas por mulheres haitianas, que se voluntariaram. "Também colocaremos músicas do Haiti, para dançarmos; bem como traremos fotos e vídeos do país; "além da aproximação com o crioulo haitiano, uma das línguas oficiais do país, falada por todos os haitianos", descreveu, completando que haverá decoração do local, baseada nas cores da bandeira haitiana: azul e vermelho... (DIÁRIO DO SUDOESTE, 2018).

Levando em consideração a falta de internet em alguns alojamentos dos haitianos, muitos deles vão até a praça da citada cidade, onde há o serviço disponível para poder conversar com a família e amigos que estão tanto no Haiti como no Brasil. No quadro da pesquisa participante⁴, eu ficava nesta praça para poder conversar com alguns sobre trabalho e saúde, seguindo o roteiro de pesquisa.

Como recurso técnico, sempre que possível, utilizou-se o gravador (o celular do autor) para que se tenha registro integral dos diálogos. E logo depois, os mesmos foram salvos no e-mail do pesquisador, para caso acontecesse qualquer tipo de problema técnico com o celular. Após a coleta de dados, cuja etapa finalizou quando houvesse saturação das informações produzidas na pesquisa de campo, as entrevistas foram transcritas⁵ na sua totalidade e analisadas. Em seguida, foram elaborados os indicadores que orientarão a interpretação final do material sob análise.

Ao fim, foram analisados os resultados obtidos e redigidos os relatórios de pesquisa, agora utilizados neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

CAPÍTULO II: JE TRAVAILLE, TU TRAVAILLES, IL (ELLE) TRAVAILLE⁶

A palavra trabalho originou-se do latim "Tripalium", que consistia numa espécie de instrumento de tortura constituído por três paus (tri+palus) no qual os romanos supliciavam seus escravos (BONZATTO, 2013). Aos primórdios, o trabalho foi considerado como castigo e somente os escravos trabalhavam. Nas sociedades antigas, como a grega e a romana, respeitavam e dedicavam-se ao ócio, menosprezando o trabalho (RICCI, 2013). Da ideia de sofrimento, essa palavra passou a ser entendida como esforço e por fim, adquiriu a conotação que conhecemos na atualidade. O trabalho passou a ser tema central nos estudos sociológicos, pois essa disciplina considera que o sistema de relações gerado pelo trabalho é fator fundamental a ser considerado para a compreensão das sociedades e também para entender suas transformações.

Vale frisar que, depende da sociedade onde se vive, há uma forma conceber do trabalho e do seu mundo. Marcel David⁷ (1967), no seu livro intitulado "Les

evidências nos fatos. De acordo com Silva (1986), a origem da pesquisa participante está atrelada ao surgimento de novos estilos de pesquisa no âmbito das Ciências Sociais na década de 1960, período em que a tese de uma ciência única e invariável vinha sendo questionada. Para a autora, a pesquisa participante surge em oposição ao tradicional postulado das Ciências Sociais, organizado em torno do positivismo, no qual se propõe um conhecimento neutro, objetivo, livre de juízos de valores e de implicações sociopolíticas, pautado no distanciamento entre sujeito-objeto.

⁵ As entrevistas são feitas em crioulo haitiano (língua nativa haitiana e falada pela totalidade de população), porém a transcrição, em português. A escolha do idioma nativo para fazer as entrevistas é justamente para facilitar os entrevistados a expressarem-se. Busca-se fazer a mais justa tradução, sem gerar choques semânticos.

⁶ Este título, posto em francês numa linguagem poética expressa o ato de trabalhar. Ele está conjugado no presente de indicativo com as três primeiras pessoas, o que indica que nem é preciso colocar as outras para dizer que todo mundo está trabalhando, desde que haja força e deslocamento (Lei da física).

travailleurs et le sens de leur histoire", apresentou uma forma de enxergar o trabalho na sociedade global.

O mundo de trabalho na sociedade global

Em regime capitalista:

Mundo de trabalho e mundo operário. Mundo operário e mundo dos empregados. Mundo de trabalho e mundo camponês. Mundo do trabalho e mundo burguês. Mundo de trabalho e mundos profissionais.

Em regime socialista marxista:

Mundo de trabalho e povo trabalhador. As diversas categorias de trabalhadores. Especificidade do problema da exploração.

Em países subdesenvolvidos⁸:

Particularidades da estruturação do mundo de trabalho. Os camponeses como trabalhadores de pleno direito. O mundo operário nas margens do mundo do trabalho.

De acordo com o autor, o uso feito nos países capitalistas da palavra trabalhador não deixa de ser paradoxal. O critério ao qual referimo-nos de primeira vista é de ordem tecnológica e apegar-se à natureza intrínseca da atividade laboral. Não é chamado deste nome toda pessoa que realmente trabalhe. É estabelecido conscientemente ou não uma diferença radical entre dois tipos de existência laboriosa para aplicar a uma só a palavra de trabalhadores, reservando-se de usar outros para designarem a segunda. Seria muito surpreendente se tal maneira de se expressar de uma língua para outra fosse um simples artifício terminológico⁹. De fato, isso nos coloca no caminho para uma definição do trabalhador, sugerindo-nos

⁷ Professor à faculdade de Direito e Ciências Econômicas de Paris.

⁸ O termo "subdesenvolvido" é prédefinido por grandes potências mundiais estabelecendo critérios de elegibilidade ao desenvolvimento. Por exemplo, pode-se utilizar os indicadores de saúde para saber se um país é desenvolvido ou não.

⁹ Em italiano, os lavoratori se diferenciam dos padroni; em espanhol, o trabajador do dueño ou patron; em inglês, o worker do employer. Em alemão, embora emprega-se em ambos os casos palavras formadas a partir do Arbeit sejam usadas, o contraste é mais nítido entre o Arbeitnehmer e o Arbeitgeber. A distinção também é feita entre Arbeiter e Unternehmer. O estudo semântico tanto para o passado como para o presente seria contínuo. (DAVID, 1967, p.19)

uma série de critérios que nos permitirão entender porque falamos de trabalhadores apenas em certos casos.

Uma definição de trabalhadores para ser totalmente fiel à observação concreta deve incluir um certo número de critérios e é somente quando eles estão todos juntos que temos a garantia de manter o trabalhador típico, que pode servir como o termo de referência para decidir em cada caso específico a quem estamos lidando.

No entanto, é prática comum falar também de trabalhadores sobre indivíduos cuja vida cotidiana atende apenas a determinados critérios e não a todos. De fato, o que é um trabalhador? Será que se todos os critérios usados para definir o trabalhador não tivessem a mesma importância e que alguns pudessem estar ausentes sem que um grupo de homens deixaria de ser trabalhadores?

Na época do autor, referindo-me ao David Marcel, a produção era feita em duas categorias de níveis: o nível de gestão e o nível de execução. Do grupo dos níveis de gestão, encontram-se "les grands fonctionnaires"¹⁰. Os níveis de execução são formados por "les petits fonctionnaires"¹¹, comumente chamados de "o pessoal da gestão", empregados e operários que, só recebem ordens para manter a produtividade.

Assim, atribuía-se o nome de "trabalhador" aqueles cuja atividade requer esforços manuais ou braçais, enquanto os "não-trabalhadores" exerciam atividades remuneradas (les grands fonctionnaires) usando reflexo e intelecto para acompanhar o processo de *produção do capital*¹².

O tempo passa, a cultura e os costumes se transformam. A mecanização crescente tende a diminuir as particularidades do trabalho do operário aproximando o uso que ele faz dos seus reflexos e de seu intelecto do ao qual é restrito o empregado, colocado ele também na manobra de certas máquinas, o que deixa a entender que o mesmo, por sua vez, faz "operações estritamente intelectuais" ao manobrar máquinas. De fato, pelo entendimento daquela época, seria injusto tratar estes de trabalhadores?

¹⁰ Os "grandes funcionários" são os donos das empresa e delegam o poder aos "pequenos funcionários".

¹¹ Os "pequenos funcionários" são trabalhadores no meio administrativo, confinados a cargos de execução

¹² O capitalismo e a modernidade nasceram da revolução capitalista que, com o Iluminismo e a Revolução Industrial, mudou a visão do homem sobre si mesmo, ao transformar o súdito em cidadão portador de direitos, e sobre a história, ao concebê-la como progresso (BRESSER-PEREIRA, 2014).

Quanto aos empregados e os pequenos funcionários, que a opinião mais ampla também considera como trabalhadores, o seu caso é diferente: não excedendo mais frequentemente o nível primário de instrução, eles são reduzidos a usar apenas fracamente sua faculdade reflexiva para tarefas repetitivas, geralmente de uma tediosa simplicidade. Além disso, eles têm que assumi-las não para liberar o potencial inovador de seu próprio entendimento ou o de outros, mas para servir no plano de uma técnica já completamente aperfeiçoada e imediatamente lucrativa, os interesses de uma empresa ou as necessidades de um serviço administrativo. Eles não podem, portanto, ser considerados intelectuais. Eles não são manuais. Pois o uso que fazem de suas mãos consiste não em modelar o assunto, mas em contribuir para o custo de um esforço físico que está acima de tudo cerebral e nervoso no arranjo das relações comerciais ou no funcionamento do maquinário administrativo.

A multiplicação dos postos de trabalho de carregadores, operadores, supervisores, reparadores, com o novo tipo de qualificação que eles exigem, parece secretar um tipo de semelhança igualmente nova entre as atividades do operário (trabalhador) e aquelas que o empregado implanta nos escritórios do processo direto de produção. Quem sabe mesmo que um e outro não são chamados a fundir-se no mesmo molde, aquele em que o progresso técnico evidencia, em números cada vez maiores, esses agentes técnicos, que também são trabalhadores e não se sabe se são de preferência operário, empregado ou até mesmo engenheiro.

No Brasil, conhecendo o conceito e o surgimento da política de saúde pública "Vigilância em saúde do Trabalhador"¹³, afirma-se que seu principal objetivo é prevenir e/ou minimizar os agravos e as patologias que ocorrem no decorrer das atividades laborais, a partir do desenvolvimento de fiscalização e promoção de ações educativas, a política de Saúde do Trabalhador (ST). O que, logo, vai acarretar uma redefinição do conceito "Trabalhador".

A política de ST abarca situações interdisciplinares, intersetoriais (envolvendo a Previdência Social, Trabalho, Meio Ambiente, Justiça, educação e demais setores relacionados com as políticas de desenvolvimento) e

¹³ O artigo 101 do Código Sanitário do Estado do Paraná instipula: "A Vigilância em Saúde do Trabalhador compõe um conjunto de práticas sanitárias, articuladas supra-setorialmente, e compreende uma atuação contínua e sistemática, ao longo do tempo, no sentido de detectar, identificar, conhecer, pesquisar e analisar os fatores determinantes e condicionantes dos agravos à saúde relacionados aos processos e ambientes de trabalho, em seus aspectos tecnológicos, social, organizacional, epidemiológico, com a finalidade de planejar, executar e avaliar intervenções sobre estes aspectos, de forma a eliminá-los ou controlá-los."

multiprofissionais. Trata-se de um assunto bastante abrangente e inerente ao desenvolvimento das mais distintas nações, que crescem arraigadas aos esforços dos muitos homens que atualmente trabalham, ou que no passado já realizaram algum tipo de trabalho, ou ainda, futuramente, vão exercer alguma atividade laboral. Já, que grande parte da população é formada por trabalhadores, foi criada no Brasil uma Portaria que conceitua quem são trabalhadores no país.

“São considerados trabalhadores todos os homens e mulheres que exercem atividades para sustento próprio e/ou de seus dependentes, qualquer que seja sua forma de inserção no mercado de trabalho, no setor formal ou informal da economia. Estão incluídos nesse grupo todos os indivíduos que trabalharam ou trabalham como: empregados assalariados; trabalhadores domésticos; avulsos; rurais; autônomos; temporários; servidores públicos; trabalhadores em cooperativas e empregadores, particularmente os proprietários de micro e pequenas unidades de produção e serviços, entre outros. Também são considerados trabalhadores aqueles que exercem atividades não remuneradas, participando de atividades econômicas na unidade domiciliar; o aprendiz ou estagiário e aqueles temporária ou definitivamente afastados do mercado de trabalho por doença, aposentadoria ou desemprego” (BRASIL, 2005).

2.1. A mobilidade da força de trabalho haitiano.

Ao juntarem procedimentos técnicos que combinam pesquisa bibliográfica-documental com pesquisa de campo, os referidos estudos estão orientados pela perspectiva crítica do trabalho e se desdobram à luz do referencial teórico-metodológico do materialismo histórico dialético. Neste sentido, adotam o conceito de "mobilidade do trabalho" como núcleo de interpretação do processo em curso, apoiando-se na abordagem realizada por Marx nos chamados capítulos históricos do primeiro livro de *O Capital* (2013)

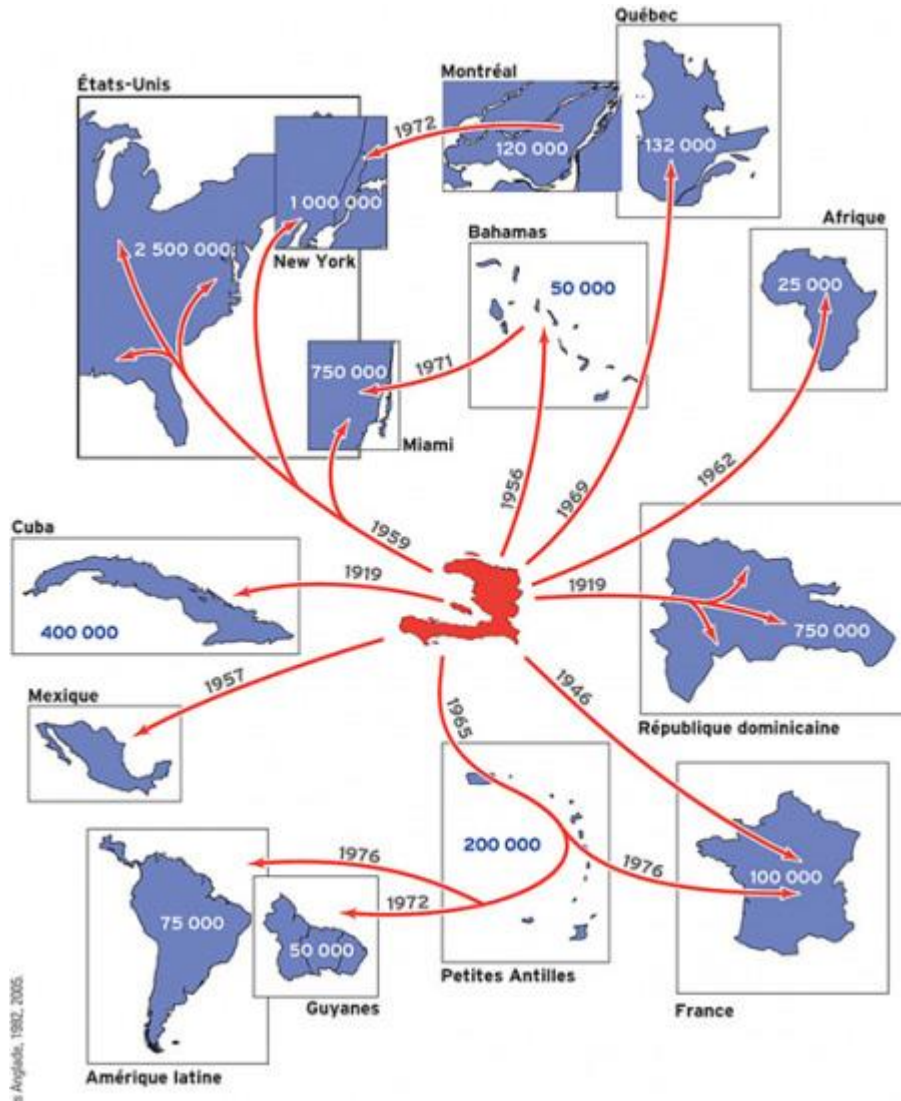
Partimos, nessa pesquisa, da premissa de que o trabalho é a própria justificativa do migrante, da razão de que, em última instância, o próprio imigrante, desaparece no momento em que desaparece o trabalho que os cria a ambos (o migrante e o trabalho para migrantes). Para Sayad (1998), um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, uma força de trabalho provisória, temporária,

em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são, neste caso, quase um pleonasmo), mesmo se nasce para a vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda a sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como imigrante, continua realizando trabalho definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento. A estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho, única razão de ser que lhe é reconhecida: ser como imigrante, primeiro, mas também como ser humano-sua qualidade de homem estando subordinada a sua condição de imigrante. Foi o trabalho que fez "nascer" o imigrante.

Levando em consideração o percurso histórico da migração do Haiti, a introdução do Brasil na rota não é grande espanto, mas chama a atenção especificamente por se tratar de um novo destino que não era inserido nas escolhas anteriores desses imigrantes. Considerando essa fuga, rumo a diversos cantos do mundo, alguns autores passaram a se preocuparem pelo assunto a fim de tratá-lo. É exatamente nesta perspectiva que Georges Anglade¹⁴ apresentou numa figura, ainda em 2005, a repartição dos haitianos no mundo (LEDIX, 2017).

Figura 1.- Os Haitianos no mundo

¹⁴ Nascido em Porto Príncipe (capital do Haiti) em 1944, foi estudar geografia aplicada em Strasbourg-França em 1965, e em seguida no Canadá em 1969. Georges Anglade foi um dos fundadores da Universidade do Quebec em Montreal (UQAM), onde ensinou a geografia social até 2002. Rebelde da ditadura militar, ele foi preso, exilado e ameaçado de morte várias vezes. Porta-voz do Movimento Haitiano de Solidariedade em 1986, autor do manifesto “la Chance que passe” (a Sorte que passa) em 1990, ele foi igualmente conselheiro dos presidentes Jean-Bertrand Aristide e René Préval até 1996 (Grégoire, 2012). Autor de numerosos livros consagrados à sua ilha natal, tais como “Mon pays d’Haïti”(1997), “Espace de liberté en Haïti”(1982) e “Ce pays m’habite”(2002), Georges morreu junto com a sua esposa Mireille no terremoto que, violentamente, abalou o Haiti no dia 12 de janeiro de 2010



Fonte: www.canalplushaiti.net (2012) ; Georges Anglade, 1982, 2005.

Pela figura, percebe-se que a América Latina recebeu um fluxo de aproximadamente 75.000 haitianos em 1976, sem mencionar o quanto ficou no canto brasileiro. Pode-se afirmar que após o sismo que aniquilou o país, surgiam com maior vigor os fatores de expulsão que contribuem para a criação e ampliação de uma diáspora (JACKSON, 2011). Portanto, este fluxo apresentou-se extravagante ao governo brasileiro por conta de sua origem em um país caribenho e as rotas usadas para entrar no território brasileiro.

Foi notável o incremento do movimento de haitianos para a América do Sul após o sismo de janeiro de 2010, principalmente direcionado para o Brasil via Equador. No entanto, a presença de haitianos nesse país ocorre há vários anos e era até então pauta de pouca mobilização de debates, sendo que permanece um tema de pouca atenção governamental. Segundo um estudo realizado por Carrera

(2014), é possível considerar que a migração haitiana para o Equador não começa com o terremoto, mas aumenta a partir dele: no ano de 2001, registrou-se a entrada de 298 nacionais haitianos no país; em 2008, 270; em 2010, 1.681; em 2011, 2.546; em 2012, 3.040, e até 2013, mais de 5 mil.

A caravana não para no Equador, sendo que todos os integrantes só têm o Brasil na mente. Descrevendo a rota, um participante da pesquisa relata:

Passamos por muitos países, muitas cidades, mas o nosso destino era aqui. O trajeto foi assim: Haiti - República Dominicana - Colômbia - Equador - Peru e até chegar em Rio Branco (Brasil). De lá fomos para São Paulo e em seguida, mudamo-nos para Coronel Vivida. (Participante masculino, P3)

Embora os dados indiquem que as pessoas que passam mais tempo no país são profissionais com uma carreira definida, é preciso levar em consideração a maior dificuldade para o ingresso de cientistas e intelectuais no mercado de trabalho, devido à complexidade para convalidação dos seus títulos. Assim, em geral, a maioria seguiu uma trajetória laboral na informalidade, procurando alguma estabilidade em atividades nos diversos segmentos do comércio e dos serviços, e principalmente no contexto da construção civil, normalmente sem contratos de trabalho, salário mínimo e proteção social assegurados, ao mesmo tempo que relatam serem encarregado de longa e extenuantes jornadas. Ainda que o horizonte seja a precarização, aqueles que alcançaram um pouco de estabilidade têm medo de recomeçar em outro país, optando por permanecer no Equador, mas estes são a maioria dos casos (LIMA; MAMED, 2016).

O principal problema encontrado pelos haitianos no Equador é a complicada e praticamente inacessível possibilidade de regularização da situação migratória. De acordo com o Serviço Jesuítas para Refugiados e Migrantes, por muito tempo inexistiu u, consulado haitiano no país para lidar com a documentação exigida pelo governo (LOUIDOR, 2011). Deste modo, a documentação precisava ser provida a partir do Haiti, o que dificultava todo e qualquer trâmite. Isso manteve os haitianos num estado de reféns de uma circunstância de irregularidade, pois entraram no país como turistas e não alteravam esta condição. A partir de então, decorriam todos os

tipos de violações de direitos, sendo o direito ao trabalho digno e seguro o mais facilmente transgredido.

Em sua pesquisa etnográfica, Cárdenas (2014) mostra que, à medida que a promessa de cidade moderna é absorvida em Quito, centenas de haitianos sem documentação são contratados pelo setor da construção civil, cuja principal marca é a ausência de contratos e direitos trabalhistas preservados. Assim, são reeditadas as condições de desigualdade e exclusão às quais os haitianos foram historicamente submetidos sob os modos de classificação social.

O estudo coordenado por Louijuste (2013), tendo a questão laboral dos haitianos em Quito como enfoque, indicou que cerca de 95% dos entrevistados haviam sido seduzidos por redes de tráfico que operam no Haiti e Equador. mediante o discurso de que no país de destino (Equador) seria mais possível trabalhar e estudar ao mesmo tempo, sendo inclusive os estudos assegurados pelo governo. Em certos casos, as pessoas burladas com promessas de bolsas de estudo chegaram a realizar exame de língua espanhola no Haiti, ponderando-se que o teste seria parte do processo de acesso à universidade equatoriana. Carrera (2014) ressalta também como mecanismos de recrutamento a utilização de anúncios nas rádios do Haiti, intencionando impulsionar viagens para o Equador e o entrelaçamento entre ações de igrejas evangélicas e migração haitiana, enfatizando o relato de pessoas que, em trânsito pelo território equatoriano, são recebidas nas casas de agentes religiosos, assim como são orientadas por eles a seguir o curso da viagem.

De Quito (Equador), alguns haitianos seguem a rota - em direção ao Brasil - passando pelo país andino (Peru). De acordo com Mamed (2015), diante das dificuldades de acesso ao visto de imigração temporária como turista no Peru, aumentou-se a vulnerabilidade dos sujeitos durante a passagem pelo país, sendo inúmeros relatos deles referentes a extorsão, violência e medo. Neste circuito, onde eles dependem das redes de tráfico e seus coiotes para efetuar a passagem pelo território peruano, esquivando-se ou negociando com a fiscalização das fronteiras, os haitianos guardam na memória especialmente os abusos sistemáticos sofridos por parte de agentes policiais e civis peruanos.

Segundo pesquisa efetuada por Fernandes (OIM, 2014), verifica-se que alguns haitianos saíram do Haiti porque ouviram dizer que o “porto” do Brasil estava aberto, outros mencionaram ter vindo para o Brasil sem bastante informação sem

nenhuma informação sobre o país e tiveram que cruzar fronteiras sob o comando de coiotes.

Para a escolha dos destinos havia de se considerar a legislação migratória dos países desenvolvidos que, após setembro de 2001, impuseram inflexíveis restrições à imigração de uma forma geral e, em especial, à migração irregular. Os motivos para a agregação do Brasil na rota do processo migratório dos haitianos não são muito explícitas, até que alguns autores (FERNANDES, 2010; SILVA, 2013) assinalam que a presença das tropas brasileiras no Haiti poderia ter contribuído para propagar a ideia do Brasil como país das oportunidades, mormente no momento em que grandes obras estavam em construção - também, devido à preparação da copa do mundo- e a taxa de desemprego em descendimento.

Nesta pesquisa, a partir das entrevistas e diálogos realizados com os imigrantes haitianos, compreende-se que a viagem migratória executada por eles estava planeja em detalhes desde o início, como citados nos relatos a seguir.

Eu deixei o Haiti no dia 7 de abril de 2015 e cheguei no Brasil (São Paulo) no dia 30 do mesmo mês. Ou seja, 23 dias de viagem. Sai do Haiti para ir na República Dominicana, de lá, fui para a Colômbia, Equador, Peru até chegar aqui no Brasil. Eu entrei pelo Acre, depois eu fui para o Rio Branco e respectivamente São Paulo - Pato Branco - Coronel Vivida. (Participante masculino, P4)

Se por um lado, alguns decidiram contar a rota percorrida para chegar em Coronel Vivida, saindo do Haiti, por outro lado, encontram-se casos nos quais as pessoas nem queriam dar detalhes das fronteiras cruzadas, mas sim do como chegar no Brasil até o mometo de conseguir estar trabalhando na Vibra. Talvez seja para não relembrar das más aventuras que o trajeto deixou. O corpo não mente, e a expressão do rosto, muito menos !

Depois de um caminho muito longo, cheguei no Brasil em novembro de 2014. Do Acre, eu fui para o Rio Branco e de lá eu fui para São

Paulo. Eu não tinha ninguém para me receber, eu fique nas casas dos padres católicos. Depois, estando em São Paulo, onde eu comecei a trabalhar regularmente por mais de um ano, consegui o contato de um amigo que trabalhava em Itapejara. Ele me avisou que a empresa estava fazendo recrutamento de trabalhadores e que eu poderia vir caso eu quisesse. Assim eu cheguei em Itapejara d'Oeste. Logo em seguida, o mesmo fui demitido e como ele tinha o plano de ir para o Haiti, pois o trabalho não era benéfico para ele; do jeito que ele trabalhava... Então ele voltou ao Haiti e eu fiquei trabalhando no empresa. Depois eu vim morar em Coronel Vivida.(Participante masculino, P5)

Após o trajeto até a fronteira da “terra prometida”, referindo-se ao Brasil, os haitianos tiveram de encarar um longo processo para a regulação da sua situação migratória. O ponto de partida tem sido a solicitação de refúgio apresentada à autoridade migratória nas cidades fronteiriças. O que levou, logo em seguida, à emissão de um protocolo, também chamado de carteira provisória de estrangeiro, que permitiu ao imigrante a obtenção de carteira de trabalho e de CPF¹⁵ provisórios, enquanto a solicitação de refúgio foi analisada pelo Conare¹⁶. Estes documentos são indispensáveis para a inserção do imigrante no mercado formal de trabalho e a transferência de dinheiro para parentes, familiares ou/e amigos que ficaram no Haiti.

Mediante a falta de amparo jurídico que rege a questão dos refugiados ambientais, o CNIg¹⁷ deu passo histórico ao aprovar , por unanimidade dos seus conselheiros, voto que concedia , por razões humanitária, visto de permanência a um grande número de haitianos.

As políticas migratórias estabelecidas pelo CNIg têm como enfoque o respeito aos direitos humanos e sociais dos migrantes de forma que sejam tratadas com dignidade e em igualdade de condições com os brasileiros. Esta política é firmemente assentada na Constituição Federal, que consagra dentre os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil a promoção do bem de todos, sem

¹⁵ "Cadastro da Pessoa Física" na Receita Federal.

¹⁶ Comitê Nacional para os Refugiados.

¹⁷ O Conselho Nacional de Imigração - CNIg é órgão vinculado ao Ministério do Trabalho e tem nos termos do decreto no. 840/93, dentre suas atribuições: “formular a política de migração”, “ coordenar e orientar as atividades de migração”. e “solucionar os casos omissos no que diz respeito a imigrantes”.

preconceito de origem, de raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Mais além, a prevalência dos direitos humanos é um dos princípios que regem as relações internacionais do Brasil (FERNANDES; FERIA, 2012). Tais assertivas refletem-se no caput do artigo 5o da Carta Magna que estipula que:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residente no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes (relacionados nos incisos que seguem). Tal política tem se materializado por meio de Resoluções, Normativas et Recomendadas, adotadas por consenso entre os integrantes desse Conselho.

No que diz respeito “aos casos omissos em relação aos imigrantes”, as decisões são tomadas com base na Resolução Normativa N. 27, de 25 de novembro de 1998, que disciplina a avaliação de situações especiais e casos omissos pelo Conselho Nacional de Imigração. Essa Resolução considera como “situações especiais” aquelas que, embora não estejam expressamente definidas nas Resoluções do CNlg possuam elementos que permitam considerá-las satisfatórias para a obtenção do visto ou permanência; e, como “casos omissos”, as hipóteses não previstas em Resoluções do CNlg.

Na aplicação da RN n. 27/98, o CNlg tem considerado as políticas migratórias estabelecidas para considerar como “especiais” os casos que sejam humanitários, isto é, aqueles em que a saída compulsória do migrante do território nacional possa implicar claros prejuízos à proteção dos seus direitos humanos e sociais fundamentais. (Extrato do voto aprovado pelo CNlg em reunião de 13/03/2011)

Como tentativa de ordenar o fluxo migratório dos haitianos para o Brasil e coibir as ações de atravessadores, em janeiro de 2012, os governos do Brasil e do Peru estabeleceram novas regras para a entrada de haitianos. Os dois países fecharam as fronteiras e decretaram a obrigatoriedade de visto.

O Conselho Nacional de Imigração - CNlg, no dia 12 de janeiro de 2012 anunciou a Resolução nº 97/2012. Tal resolução dispõe sobre a concessão do visto permanente a nacionais do Haiti, e assim resolve:

Art. 1º Ao nacional do Haiti poderá ser concedido o visto permanente previsto no art. 16 da Lei 6.815, de 19 de agosto de 1980, por razões humanitárias, condicionado ao prazo de 5 (cinco) anos, nos termos do art. 18 da mesma Lei, circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro.

Paragrafo único. Consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução Normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010.

Art. 2º O visto disciplinado por esta Resolução Normativa tem caráter especial e será consedido pelo Ministério das Relações Exteriores, por intermédio da Embaixada do Brasil em Porto Príncipe.

Parágrafo único. Poderão ser concedidos até 1.200 (mil e duzentos) vistos por ano, correspondendo a uma média de 100 (cem) concessões por mês, sem prejuízo das demais mobilidades de vistos previstos na disposições legais do País [...] (CNIg, 2012)

Abordando o termo "problema social", Remi Lenoir (1998) relata que uma noção como a de acidente de trabalho é atualmente uma categoria corrente. Muitos estudos foram feitos a respeito. Com efeito, a maioria dos mesmos estabelece que as categorias sociais, cuja taxa de acidentes de trabalho é mais elevada, são as que encontram-se menos protegidas contra os riscos e vicissitudes da condição operária, tais como: trabalhadores imigrantes, operários inexperientes, temporários, entre outros. Depois o Remi põe a problemática questionando -se não será que tal descoberta se deve ao fato de que essas mesmas categorias sociais são as escolhidas para os postos de trabalho mais perigosos, não será também porque os especialistas das relações sociais no seio da empresa e os diretores dos recursos humanos consideram as vítimas dos acidentes de trabalho como desajeitados, imprudentes e indisciplinados que os estudos científicos têm encontrado, entre os acidentados, menos plasticidade funcional, menos inteligência concreta, mais gestos fatais, mais manifestações de rebelião contra a autoridade...

O autor aborda a questão do suicídio e relata que pesquisas sobre as causas do mesmo são também um bom exemplo da incidência e peso das definições instituídas que comandam as condições de observação e, ao mesmo tempo, as

explicações dos fenômenos estudados pelos sociólogos. De fato, existem casos em que as causas de uma morte acidental não são assim tão evidentes.

Ao longo do texto, o Lenoir desenvolve quatro (4) pontos temáticos que são as seguintes: realidade pré-construída e construção do objeto sociológico, fundamento social das categorias pré-construídas, a gênese social de um problema social e por fim, a institucionalização.

No primeiro ponto, o autor aborda os "problemas sociais" que, segundo Herbert Blumer era inútil de defini-los através de uma natureza que lhes fosse peculiar, por meio de uma população que apresentasse características específicas. Esse mesmo problema social pode ser constituído por vários motivos, tal como a velhice que remete a problemas de natureza bastante diferente. O problema social não é algo constante. Nos Estados Unidos, a pobreza foi um grande problema social durante os anos 30, desapareceu na década de 1940-1950 e voltou a aparecer nos anos 80. Assim, se apresenta a idade numa categoria natural e serve, quase sempre, de critérios de classificação dos indivíduos no espaço social e até justifica a formação de grupos com uma certa consciência social. Se a idade cronológica e as divisões que, por seu intermédio, se tornam possíveis podem ser consideradas noções sociais, as categorias que ela permite distinguir não chegam a formar grupos sociais. As divisões aritméticas da escala das idades podem vir a ser categorias nominais sem designar os grupos sociais definidos nesses termos. As faixas sociais são um bom exemplo dos desafios implicados em qualquer classificação com a percepção da atividade profissional como o *trabalho*. Assim surgiu a aposentadoria. A partir daí vem a briga entre as gerações para ocupar determinados espaços em diferentes áreas.

No segundo ponto, ele mostra que, por conseguinte, o trabalho sociológico não poderia consistir em registrar os dados constituídos segundo categorias que são o produto de um trabalho social. Assim, a sociologia da velhice fornece um bom exemplo das operações empreendidas pelo pesquisador porque trata-se de um dos casos em que a sociologia da construção da noção é o próprio objeto da pesquisa.

Neste sentido, o obstáculo no qual esbarra o sociólogo refere-se não tanto a uma espécie de complexidade inerente ao objeto, mas sobretudo às condições em que se processa o seu estudo. O sociólogo tem uma consciência mais apurada da imposição da problemática quando estuda as populações mais dominadas. É, assim, no caso do imigrante que, segundo a análise de Abdelmalek Sayad, acumula todas

as formas de dominação. A força da definição social do imigrante e dos problemas que levanta deve-se ao fato de que ele encarna todas as formas possíveis de dominação. E o imigrante é geralmente visto como um problema social, um problema que remete tanto às suas condições de existência quanto ao seu direito de existir. Esse acoplamento entre uma população é um problema social, os imigrantes e o mercado de trabalho, os imigrantes o desemprego, os imigrantes e a formação, os imigrantes e o retorno aos seus países de origem, é o indício mais evidente de que a problemática de pesquisa encontra-se em continuidade direta com a percepção social previamente construída a respeito do imigrante. Nesse mesmo ponto, o autor fala das transformações morfológicas e econômicas, do problema social e das formas de solidariedade em que ele afirma que um problema social não é somente o resultado de um mau funcionamento da sociedade, mas pressupõe um verdadeiro trabalho social que compreende duas etapas essenciais: o reconhecimento e a legitimação do problema como tal.

No terceiro ponto, o autor introduz a gênese social de um problema social. Nela, ele afirma que o trabalho de formulação pública pode surgir da iniciativa dos autores do próprio campo político que, na constituição de um problema social, encontram uma causa de interesse geral a ser definida. Assim, a luta que, ao longo do século XIX, opôs os representantes da burguesia industrial aos da aristocracia conservadora a propósito dos sistemas de proteção social, em particular das aposentadorias dos operários, não despertava o interesse daqueles em favor de quem o problema tinha sido levantado, como é testemunhado pela ausência de reivindicações e manifestações populares sobre esse tema. Nesse ponto, o autor falando de pressão e expressão aponta que um estudo sobre a transformação do direito da família e do trabalho das mulheres, nos anos 1955 - 1975, permite revelar essas operações que precedem a formalização jurídica das soluções para um problema social. Acontece que essa forma de pressão, como é a expressão pública, traz a marca socialmente determinada dos homens e mulheres que têm acesso às diferentes mídias, de modo que o sociólogo não pode fazer a assimilação dos discursos organizados, quase sistemáticos e coerentes, peculiares a certas categorias sociais, até mesmo a profissionais, com as formas de revolta, sentidas, mas não verbalizadas e tematizadas. No caso das reivindicações feministas, tais discursos são proferidos por mulheres que não somente tinham acesso aos meios de expressão pública, mas também a posições sociais que lhes permitiam falar

publicamente a respeito da crise à qual estavam submetidas às soluções desejadas para superar tal situação. Como em relação ao movimento feminista, os sociólogos foram levados a formular uma nova definição da velhice. O trabalho define o sujeito de velho pela aposentadoria.

E por fim, o quarto ponto trata a questão da institucionalização na qual o sociólogo encontra-se diante de representações já constituídas que têm diversas formas. Por conseguinte, ao tentar fazer a sociologia dessas diferentes formas de institucionalização do seu objeto. O autor fala da burocracia das relações sociais, dos discursos das instituições, da institucionalização de uma nova moral e do positivismo do estado. Na parte da burocracia das relações sociais, ele aponta que todos os sistemas de proteção social consistem em uma redistribuição dos recursos. No que diz respeito à velhice, o modo tradicional (familiar) de gestão coloca em relação direta à pessoa idosa com aqueles que tomam seu encargo. Para a velhice, os critérios adotados são bastante simples: idade, duração e montante da cotização. Para a família, as fórmulas são mais complexas. São utilizadas duas séries de critérios. A primeira diz respeito ao modelo familiar e a segunda explicita os critérios segundo os quais são pagas e avaliadas as prestações: dizem respeito à criança, casamento, nacionalidade e montante de recursos. Nos discursos das instituições, ela diz que os primeiros com caráter científico provêm do campo médico, e na origem, incidem sobre o envelhecimento orgânico. No entanto, se o envelhecimento fisiológico constituiu, bem cedo, um terreno de estudo e pesquisa no campo médico, a gerontologia enquanto disciplina autônoma das ciências médicas, dispondo de um corpo de saberes e especialistas reconhecidos, só apareceu na França, após 1945. Ao estudar a velhice, o sociólogo é levado, quase inevitavelmente, a efetuar uma pesquisa sobre as populações designadas, do ponto de vista social, como velhas ou envelhecidas, essas mesmas que são assumidas pelas instituições das quais, muitas vezes, ele depende financeiramente: por um lado, asilos, lares para aposentados, clubes ou universidades da terceira idade; e por outro lado, beneficiários da aposentadoria.

Assim, o autor fecha dizendo que as categorias que servem de base para a construção da realidade social e que se apresentam diante do sociólogo, são o resultado de luta. O processo de institucionalização de uma problemática sob forma científica ou ética encobre também toda uma série de questões que, por esse motivo, se tornam imprestáveis: por exemplo, considerando ainda a imigração, a

questão do saber quem tem sido prejuízo e quem tem obtido lucro com a mesma; ou em relação à velhice, a questão das lutas, por definição imorais entre gerações. Talvez seja necessário atribuir a essa dissociação entre a economia política e a economia social, a origem desses artefatos instituídos dos quais o sociólogo tem tanta dificuldade em se desfazer.

2.2. O precariado¹⁸ haitiano no universo brasileiro.

Andando, correndo, voando, enfim os haitianos, sobreviventes do longo trajeto migratório chegam ao Eldorado (Brasil). Com a perspectiva de uma qualidade de vida melhor, com a esperança de que o investimento¹⁹ feito não é em vão, eles passaram a conhecer a realidade brasileira. Empresas brasileiras contrataram ônibus para ir à busca desta força de trabalho. Assim, pelos dizeres de um dos participantes da pesquisa, começou a doce escravidão no universo brasileiro.

2.2.1 O recrutamento

"O ônibus chegou e o recrutamento começou! Junto com o motorista, vieram os recrutadores. Pelo jeito que foi feito, parece que eles tinham um perfil específico de recrutados. Eles nos olharam da cabeça aos pés antes de fazerem a seleção; uma forma de escravidão moderna. Neste dia, 54 escravos foram recrutados e eu fazia parte do grupo. Mesmo assim, com muita esperança, embarcamos no ônibus em direção a um lugar ainda desconhecido. Por fim, chegamos em Coronel Vivida na quinta-feira, dia 15 de setembro de 2013, onde iríamos numa casa com 3 banheiros -para 54 pessoas-. No dia seguinte, fomos na empresa assinar o contrato e já na segunda, começamos a trabalhar na Agrogen, que, hoje em dia, tornou-se Vibra²⁰", contou o líder do grupo dos haitianos em CVV.

¹⁸ O termo vem a partir da combinação de duas palavras: proletariado - precário.

¹⁹ Do Haiti ao Brasil, os imigrantes pagam, em média, de US\$ 2 mil a US\$ 5 mil pela viagem em grupo até o Acre. Considerando essa escala de pagamentos, as avaliações sobre a movimentação financeira do negócio, embora imprecisas são vultosas: por um lado, pesquisadores que acompanham os desdobramentos do fenômeno na Amazônia estimam, desde 2010, o custo aproximado de US\$ 6 bilhões em pagamentos à rede de tráfico e corrupção estruturada com o movimento migratório (MAMED, 2016)

²⁰ Frigorífico de aves, sediado em Itapejara d'Oeste.

2.2.2 O processo laboral e a vida no trabalho

Partindo da ideia que a empresa não fica na mesma cidade onde moram os trabalhadores, estes, todo dia de trabalho, têm de enfrentar os ventos contrários da estrada de asfalto, saindo de Coronel Vivida para chegar até Itapejara d'Oeste. Esta rotina de trabalho, para muito, além de ser algo novo, é algo muito cansativo.

É um negócio muito cansativo, por quê? Eu acordava às 4:20 para pegar o ônibus para ir trabalhar e eu deixava o trabalho às 16 para chegar em casa por volta das 17. É um trabalho muito difícil e é um sacrifício que se tem que fazer. Para mim, foi a pior vida que eu conheci, apesar de o trabalho ter me dado a oportunidade de poder tanto me ajudar quanto ajudar a minha família que fica no Haiti", contou um antigo trabalhador da empresa que nos dias de hoje está em estado de incapaz, devido a uma doença adquirida no trabalho.

"Antigamente, um ônibus passava nos pegar às 04:20. Hoje em dia, ele passa às 04:40. Chegando na empresa, ficamos aguardando 06:00 para começarmos a trabalhar e saímos às 16 para chegarmos em casa em torno das 17, com o mesmo ônibus."(Participante masculino, P7)

As reflexões sociológicas sobre o problema dos empregados adotam conscientemente e com certa unilateralidade a "perspectiva do empregador". Isso significa que aqui, ao contrário da maior parte da literatura sociológica neste campo, os empregados em serviços comerciais não serão tratados como sujeitos do seu trabalho, dos seus modos de pensar e agir cultural, organizacional e politicamente, mas sim como objetos à disposição de empresas. É exatamente nesta qualidade que os empregados são recrutados, remunerados e subordinados a certas condições de trabalho: submetendo-os a controles específicos no trabalho e a determinadas medidas de racionalização (OFFE; BERGER, 2011)

A partir de uma perspectiva sociológica, o trabalho e os processos sociais de saúde-doença são indissociáveis. Contudo, a maneira mais comum de tratar o trabalho no contexto contemporâneo é, por assim dizer, transplantá-lo do campo da

produção para o campo do consumo. Ou seja, neste sentido, o trabalho é comumente considerado como um gerador de recursos que determinam uma maneira particular de satisfazer as necessidades. O grande número de estudos sobre renda e outros fatores como os diferenciais socioeconômicos e de doenças atestam a semelhança desta conceituação. Essa mudança ideológica da produção para o consumo, obviamente, não ocorre por acaso nas sociedades organizadas em torno do princípio da exploração do trabalho (LAURELL, 1978).

Com efeito, as categorias sociais cuja taxa de acidentes de trabalho é mais elevada são as que encontram-se menos protegidas contra os riscos e vicissitudes da condição operária, tais como: trabalhadores imigrantes, operários inexperientes, temporários, entre outros. Será que tal descoberta se deve ao fato de que essas mesmas categorias sociais são as escolhidas para os postos de trabalho mais perigosos, será também porque os especialistas das relações sociais no seio da empresa e os diretores dos recursos humanos consideram as vítimas dos acidentes de trabalho como desajeitados, imprudentes e indisciplinados que os estudos científicos têm encontrado, entre os acidentados, menos plasticidade funcional, menos inteligência concreta, mais gestos fatais, mais manifestações de rebelião contra a autoridade...(LENOIR, 1998)

Segundo Dejours (2008), considerando os números e a natureza dos acidentes e enfermidades, constata-se em parte a persistência de acidentes e doenças do trabalho cujo perfil articula-se a agentes e condições de execução da atividade laborativa já identificados em períodos anteriores. Estas ocorrências estão significativamente associadas a um maior grau de esforço físico no exercício das atividades do trabalho, a ambientes de trabalho mais insalubres, assim como a contextos de maior ou extrema vulnerabilidade, como no caso da submissão dos trabalhadores aos efeitos de agentes químicos, biológicos ou ao manejo de matérias primas e de produtos causadores de doenças que se desenvolvem em médio e em longo prazo.

Levando em consideração a necessidade de sobrevivência destes trabalhadores, os mesmos se sujeitam - ou melhor de objetivam ao trabalho em frigorífico e às conseqüentes humilhações dos chefes de linha. No entanto, não significa que eles estão deliberadamente se pondo em situação de risco. Trata-se na realidade de sua única alternativa cotidiana, sob pena de inviabilizar o seu próprio mantimento, e muitas vezes, o da própria família.

"A remuneração é mínima e a responsabilidade é grande, A minha esposa não trabalhando e temos um filho... Pagar o aluguel, as contas, não é nada fácil. O custo de vida na cidade tá subindo, enquanto a empresa mantém o mesmo nível de salário. Além disso, tenho irmão, mãe no Haiti que eu estou ajudando também. Já que é difícil conseguir emprego, se eles vierem, vai ser mais difícil para eu sustentá-los." (Participante masculino, P3)

" Às vezes, eles nos exigem para trabalhar mais rápido, Uma vez, carregando uma caixa, o chefe me empurrou querendo que eu andasse mais rápido. Não é só o chefe, um trabalhador brasileiro da mesma linha do que eu me deu uma fitada uma vez sem saber o porquê. Eu sofria bastante nesse período de tempo em que eu trabalhava na Vibra."(Participante masculino, P5)

"Recebemos o salário em duas parcelas por mês; uma a cada 15 dias. Quando eu recebo os meus salários eu envio a boa parte no Haiti, devido aos meus familiares que eu tenho que ajudar. E o resto para pagar o aluguel, as contas, entre outros. Como estou vivendo aqui, tenho que deixar um pouco para poder comprar o que precisar..." (Participante masculino, P7)

Na segunda visita ao campo, consegui conversar com um haitiano que trabalhava na Vibra e que foi demitido porque, além de servir de intérprete para os haitianos que tinham dificuldade com o idioma, ele também denunciava os abusos sofridos pelos trabalhadores. Durante a conversa informal, o mesmo me contou:

"O espaço dá doença. O benzênio²¹, utilizado na desintoxicação do meio de trabalho é muito nocivo. Eles pedem para os trabalhadores

²¹ Em razão da toxicidade do benzênio e, notadamente, das suas propriedades cancerígenas, medidas severas de prevenção se impõem e exigências particulares devem ser respeitadas na hora de estocar e manipulá-lo. De antemão, o empregador deve estudar a possibilidade de substituir o benzênio por uma outra substância menos perigosa para a saúde dos trabalhadores. Quando a substituição é tecnicamente impossível, ele tomará as medidas necessárias para evitar ou, reduzir o mais possível à sua exposição.

saírem por um período de seis (6) horas depois de aplicar aquele produto, enquanto deveriam fazer isso 6 horas antes dos trabalhadores chegarem. Karine, uma amiga brasileira minha foi atingida no fígado. Ela, recentemente, recebeu o aviso médico de que ela não vai mais poder trabalhar".

Depois de um suspiro, ele continuou:

"Um colega haitiano chamado Dunois, depois de uma cirurgia no fígado, morreu em junho de 2016 e o seu filho nasceu em agosto. O Doly não teve a sagrada chance de ver o seu pai. Até agora, nenhuma reparação. A mãe desempregada não recebeu nada da empresa."

Segundo Laurell (1978), o pensamento clássico de saúde ocupacional entende o trabalho como um problema ambiental, sendo que coloca o trabalhador em contato com agentes químicos, físicos, biológicos e psicológicos que lhe causam acidentes e enfermidades (doenças). Esta conceitualização, obviamente, reproduz a forma tradicional da medicina que vê a enfermidade como um fenômeno biológico que ocorre no indivíduo.

O fruto da migração, geralmente, fuge para ingressar um canto no qual ele pode alimentar os seus sonhos e muitas das vezes, é obrigado a envenenar-os-em. Em seguida, o mesmo haitiano com quem eu tive a conversa informal me contou dois casos que fariam falha enorme neste trabalho se eu não tivesse colocado-os.

"Bens, 23 anos, fez uma cirurgia no coração que ficou com um aparelho. Nenhuma outra empresa quer contratá-lo. Saiu a perícia e o advogado mandou o documento no whatsapp dele lhe informando que a doença não é ocupacional."

"Leva estava trabalhando quando o chefe de linha acelerou o ritmo, aumentou a velocidade da máquina. Ele, cortando os frango, teve que tentar dar conta da quantidade que estava chegando. Assim, machoucou a mão com a faca. O dirigente lhe chamou para assinar um documento de que ele machoucou por ser inexperiente. Leva veio conversar comigo para eu traduzir para ele e quando eu vi o que estava escrito, eu pedi para ele não assinar."

Os instrumentos, ou meios de trabalho, podem ser analisados em termos de sua sofisticação técnica e como expressão de certas relações sociais. O primeiro aspecto nos informa quanto ao esforço físico necessário para a execução do trabalho, o risco envolvido na interação entre o trabalhador, o instrumento e o objeto, e o grau de controle que o trabalhador pode exercer sobre o instrumento. Este último aspecto está diretamente relacionado aos instrumentos de trabalho como a expressão das relações sociais que os criaram.

Os instrumentos de trabalho criados sob o capitalismo, por exemplo, têm a característica de impor ao trabalhador uma maneira especial de trabalhar. Isso significa que a máquina determina o ritmo de trabalho e limita o poder relativo de decisão do trabalhador. O primeiro fato está relacionado ao que parece ser o maior risco ocupacional sob o capitalismo avançado, o estresse, e o segundo aumenta em certas condições a probabilidade de acidentar-se.

Uma das pessoas entrevistadas contou que sofreu um acidente (de trabalho) ao descer a escada para ir almoçar devido à falta de iluminação do espaço. Um caso deste infringe a lei?

As empresas cujos trabalhadores realizem suas refeições em suas dependências, devem reservar local específico e adequado para esse fim, dimensionado de forma a atender a demanda, dotado de iluminação e ventilação suficiente e protegido das intempéries (Art. 136, Código de Saúde do Paraná).

A máquina como instrumento, volte e meia, necessita de comando para regular-se e este vem de um trabalhador afim para diminuir ou acelerar o ritmo de trabalho na linha de produção. Neste caso, a cadeia laboral, ou seja, os três

*elementos do processo de trabalho*²², na sua organização, deveriam andar em harmonia. Sem esta, o risco de ocorrer acidentes de trabalho é muito grande, como visto no caso acima.

O elemento analítico mais importante do processo de trabalho para a compreensão da saúde é o trabalho mesmo. É possível distinguir diferentes formas de consumo da força de trabalho no processo de produção que implicam formas distintas de desgaste do trabalhador. Estas formas de trabalho são vinculadas à extração de mais-valia²³ absoluta e relativa. A extração de mais-valia absoluta é a forma mais primitiva de exploração do trabalhador, já que não é nada mais do que o incremento da jornada laboral ou uma redução do salário sem nenhuma mudança nos instrumentos e a organização do processo de trabalho (LAURELL, 1978).

" Eu trabalhava na "camara fria", mas a inha carteira não estava assinada para esse setor. O chefe me abusou e ele me mandou trabalhar nesse setor, onde o trabalho é mais duro, em termo de que é o haitiano que pode fazer o trabalho duro no Brasil. A minha carteira foi assinada com um valor baixo, enquanto eu trabalhava num setor onde eu deveria receber mais. Eu recebia 1339 reais e pelo que eu sei, quem trabalha na câmara fria deveria receber mais. Não me lembro exatamente do valor."(Participante masculino, P5)

"À medida que o frango vem, você tem que trabalhar. Senão, tudo vai cair no chão. Assim, vai-se ter que trabalhar mais trápido e quando tem muito trabalho, nós voltamos para casa às 3 da manhã, enquanto deveríamos bater cartão à 01:48. Às vezes, eles nem pagam as horas extras." (Participante feminina, P6)

²² A análise entre os três elementos do processo de trabalho -trabalho, instrumento e objeto- sob uma dupla perspectiva permite a compreensão técnica e social de qualquer processo de trabalho particular. O estudo do objeto de trabalho deve tomar em conta suas propriedades físicas, químicas e biológicas sendo que podem ser consideradas como riscos sérios à saúde, coisa que é conhecida tanto aos objetos naturais como aos artificiais que se utilizam na indústria. A transformação de um objeto num objeto de trabalho é socialmente determinada. É importante levar esse fato em consideração porque as exigências da produção capitalista podem converter em objetos de trabalho, objetos que são perigosos para a saúde, sem mais considerações do que seu lucro(LAURELL, 1978).

²³ A mais-valia é o combustível do sistema capitalista. É o caso de um operário que trabalha oito (8) horas e que recebe um salário equivalente a seis (6) horas de trabalho. As duas horas trabalhadas a mais (que Marx chamou de sobretrabalho), é o lucro do empregador, que o Marx denominou mais-valia.

No dia 22 de dezembro de 2017, realizei a minha primeira visita ao campo em Coronel Vivida (CV). É um município brasileiro do sudoeste do estado do Paraná com aproximadamente 21.666 habitantes e faz divisa com 6 municípios, são eles: Pato Branco, Honório Serpa, Mangueirinha, Chopinzinho, São João e Itapejara d'Oeste. Sua economia se baseia principalmente na agricultura e no comércio.

Saindo de Foz do Iguaçu, para chegar até lá, é preciso pegar um ônibus até Pato Branco (PB) e depois um outro (interurbano) que leva mais ou menos 30 minutos. Nesse dia, subindo no interurbano, fiz o conhecimento de 5 haitianos que moram em CV, mas que tinham ido para PB a fim de fazer transferência de dinheiro para a família que está no Haiti, pois é só lá que tem "Western Union²⁴". Consegui conversar mais com um deles que estava sentado ao meu lado, o Hedwiche. Com ele, troquei ideia durante todo o percurso. Ele se emocionou ao saber que eu sou estudante e que eu estou fazendo uma pesquisa sobre "saúde do trabalhador na perspectiva da migração haitiana no Sul do Brasil". Ele disse: que bom que tem um de nós (referindo-se a mim) que não vai trabalhar que nem eu, como escravo. A esta frase, percebi que ele também queria estar estudando, porém as exigências (parentes no Haiti para cuidar) dele não lhe permitem. Conversamos sobre tanto sobre migração, quanto sobre trabalho e saúde. Ao juntar tudo, o relato dele ficou mais ou menos assim:

"Eu vim parar aqui por indicação de um irmão meu que estava morando aqui também e que se mudou recentemente para uma cidade de Santa Catarina. Eu conheci momentos de sofrimento durante o trajeto, mas graças a Deus, consegui chegar aqui são e salvo. Estou aqui há 4 anos. Não pretendo sair da cidade ainda porque não sei o que vou encontrar. Migrar não é fácil e esta decisão [a de migrar] não pode ser tomada de hoje para amanhã. Sofria muito no Haiti e eu não tinha uma certa estabilidade no trabalho, mas aqui, mesmo sofrendo no trabalho, eu tenho uma certa estabilidade. Só que, com o que eu ganho, depois de pagar o aluguel e as contas, não sobra quase nada para ajudar meus parentes e amigos que ficam lá [no Haiti]. Trabalho num frigorífico

²⁴

Nome de uma rede de casas de transferência.

em Itaperaja d'Oeste. Sou a Nome de uma rede de casas de transferência. Adventista, então a minha fé não me permite fazer hora extra, ou seja, trabalhar no sábado para conseguir algo a mais. Diante de tudo isso, às vezes, sinto-me impotente. Isso acaba comigo mentalmente, e conseqüentemente, o físico vai se deteriorando. Minha saúde mental está um caos. E o pior, é que o trabalho me deixa com a sensação de que eu estou piorando cada vez mais. Às vezes, nem me mexer, eu consigo. Não dá para viver assim a vida inteira."

Ao chegar na praça de CV (destino final deles), descemos o ônibus. E eu iria continuar a caminhada até chegar numa outra cidade vizinha (Chopinzinho), na qual eu sempre fico. Estando na praça, 4 deles foram para as suas casas, e o Mackenson focou conversando comigo. Depois ele chamou um outro haitiano, o Arios (o líder dos adventistas haitianos na região). Este chegou junto com a sua esposa grávida. Nós 4, ficamos conversando sobre migração, condição de trabalho e os eventuais riscos à saúde oriundos da precaridade laboral. Todos eles trabalham num frigorífico -Agrogen- que fica numa cidade vizinha : Itapejara d`Oeste

Por unanimidade, eles me falaram que estão sendo inseridos num quadro de trabalho precário. Do resto, ficamos num "*papo de migrantes*²⁵". A respeito da sua situação de trabalho e de outros, o Arios me contou:

"Amigo, a nossa vida aqui não é fácil. Um ônibus da empresa passa nos pegar às 5 da manhã, chegamos lá às 6 para as formalidades - bater o cartão- e para começar a trabalhar num ritmo desumano. Temos direito a uma hora de intervalo e saímos de lá às 4 da tarde para chegar em casa às 5. Ou seja, 12 horas por dia."

Em seguida, a sua esposa grávida, falou:

"No setor que eu trabalho, eles não querem contratar mais mulheres. Tudo isso, devido à entrada e saída da força de trabalho por causa da licença materna. Há algumas haitianas aqui que não estão

²⁵Contando as experiências em terra estrangeira, como está sendo a relação com a família deixada para trás e quais são as pretensões futuras...

trabalhando. Eu trabalho na montagem de caixas, às vezes nem recebo o tempo suficiente para o intervalo. Eles querem que a gente "trabalhe que nem burro."

A segunda visita foi realizada no dia 01 de maio de 2018 (dia internacional do trabalho). Eu viajei para a minha cidade de pouso (Chopinzinho) no dia 27 de abril de 2018 e no dia 1º de maio eu fui para a campo em CV. Esta data foi escolhida em função do recesso, o que me facilitou a encontrá-los.

Ao entrar na cidade, vi um haitiano andando, estacionei o carro e fui conversar com ele. De repente, chegou um outro... Na esquina, de pé, conversamos por mais ou menos 45 minutos. Durante esse tempo, mais de 5 companheiros haitianos passaram pelo lugar. O que deixa entender que a cidadezinha tem bastante destes.

Um deles - o de camiseta branca- me falou que está morando na cidade há 4 anos e não pretende se mudar para nenhum lugar por enquanto, devido ao caráter traumático que as mudanças trazem. Enquanto o outro não se afasta da possibilidade de se mudar a qualquer hora. Eles também são trabalhadores da Agrogen e relatam que o trabalho deles é pesado demais, mas não tem como fugir porque a família espera. Eles são, de certo modo, o "braço direito" daqueles que ficaram no Haiti.

No final da conversa, eles me disseram que o trabalho deles é pesado, mas têm que aguentar o tranco. Não há saída. O de camiseta preta me falou que subir de nível na em empresa é quase impossível. Assim, ele relatou:

"Muitas vezes, pessoas -pela maioria brancas- que vêm depois mudam de nível e a gente fica no mesmo cargo. Será que isso tem a ver com o racismo institucional? A gente fica muito tempo no trabalho, o custo de vida está aumento e estamos ganhando o mesmo salário."



Depois de conversar com os dois -Joseph e Réналd-, eu fui na *república dos haitianos*²⁶. A photo abaixo mostra respectivamente o Hedwiche, o Mackenson, eu e o Simon. A conversa girou em torno das condições de trabalho e moradia. O Mackenson trabalha numa firma de construção no Haiti e ele relatou que a sua condição de trabalho e moradia era melhor...

"Eu trabalhava na "Vorbes & Fils"²⁷ e eu tinha um canto para morar. Eu vivia tranquilamente. Eu achava que saindo do Haiti eu iria encontra melhores oportunidades. Chegando aqui, eu comecei a sofrer. Adoeci no trabalho. Estou com cálculo renal devido ao ritmo de trabalho. No meu antigo trabalho, eu saia para urinar quando eu quiser, mas aqui na Agrogen, não. É por isso que eu passei a padecer dessa doença. Eu fico com febre, gripado com muita frequência, pois trabalho no "quarto frio"²⁸. E quando não der para eu ir trabalhar, mesmo lavando atestado médico, geralmente, recebo ameaça de ser demetido por justa causa. Eu pretendo deixar esse trabalho que está querendo acabar comigo. Aí, vem a ideia de voltar para o meu pais. Não dá mais para viver nessa condição."

Se para o Mackenson, voltar para o Haiti representa uma opção, para o Simon e o Hedwiche, esta não existe por enquanto porque a responsabilidade deles é maior. Eles sustentam pessoas no Haiti. Além disso, eles relatam que há nenhuma

²⁶ Lugar, segundo a comunidade vividense, onde concentra boa parte dos haitianos.

²⁷ Nome de uma firma de construção de estradas no Haiti.

²⁸ Onde se conserva os frangos, segundo ele.

estabilidade do trabalho no Haiti, já que é um país instável mesmo. Para se manter, eles dividem os gastos. O Simon contou:

"Estamos em 3 num quarto para poder dividir as contas. Se não for assim, não vai sobrar nada depois de receber o pagamento. E sabe como que é, neh? Precisamos de dinheiro para mandar para o Haiti. Mesmo passando perengue aqui, a gente tente praparar um conforto no Haiti para quando formos velinhos. Fazemos hora extra, trabalhamos até no sábado para poder ter um dinheirinho a mais porque somos a esperaça daqueles que ficaram no Haiti."

O Hedwiche, por sua vez, não pode trabalhar no sábado devido à sua fé. Ele é adventista. Mas ele se sacrifica para se manter aqui no Brasil e mandar o que sobra para a família. Diante do aumento do custo de vida e a desvalorização do real face ao dólar, os trabalhadores haitianos têm encontrado cada vez mais dificuldades não somente para sobreviver aqui no Brasil, mas também para efetuar, com regularidade, remessas de dinheiro para suas famílias e/ou amigos no Haiti.



CAPÍTULO III: A SAÚDE DO TRABALHADOR

Ao adentrar o assunto que trata as condições de vida dos trabalhadores, não há como deixar por fora o conceito "Saúde do Trabalhador". O termo Saúde do Trabalhador refere-se a um campo do saber que visa compreender as relações entre

o trabalho e o processo saúde/doença. Nesta acepção, considera a saúde e a doença como processos dinâmicos, estreitamente articulados com os modos de desenvolvimento produtivo da humanidade em determinado momento histórico. Parte do princípio de que a forma de inserção dos homens, mulheres e crianças nos espaços de trabalho contribui decisivamente para formas específicas de adoecer e morrer. O fundamento de suas ações é a articulação multiprofissional, interdisciplinar e intersetorial.

No Brasil, o sistema público de saúde vem atendendo os trabalhadores ao longo de toda sua existência. Porém, uma prática diferenciada do setor, que considere os impactos do trabalho sobre o processo saúde/doença, surgiu apenas no decorrer dos anos 80, passando a ser ação do Sistema Único de Saúde quando a Constituição Brasileira de 1988, na seção que regula o Direito à Saúde, a incluiu no seu artigo 200.

"Artigo 200 - Ao Sistema Único de Saúde compete, além de outras atribuições, nos termos da lei: (...) II-executar as ações de vigilância sanitária e epidemiológica, bem como as de saúde do trabalhador; (...)."

A Lei Orgânica da Saúde - LOS (Lei n.O 8.080/90), que regulamentou o SUS e suas competências no campo da Saúde do Trabalhador, considerou o trabalho como importante fator determinante/condicionante da saúde. o artigo 6º da LOS determina que a realização das ações de saúde do trabalhador sigam os princípios gerais do SUS e recomenda, especificamente, a assistência ao trabalhador vítima de acidente de trabalho ou portador de doença profissional ou do trabalho; a realização de estudos, pesquisa, avaliação e controle dos riscos e agravos existentes no processo de trabalho; a informação ao trabalhador, sindicatos e empresas sobre riscos de acidentes bem como resultados de fiscalizações, avaliações ambientais, exames admissionais, periódicos e demissionais, respeitada a ética. Nesse mesmo artigo, a Saúde do Trabalhador encontra-se definida como um conjunto de atividades que se destina, através de ações de vigilância epidemiológica e sanitária, à promoção e proteção da saúde dos trabalhadores, assim como visa à recuperação e reabilitação da saúde dos trabalhadores submetidos aos riscos e agravos advindos das condições de trabalho. No seu conjunto (serviços básicos, rede de referência secundária, terciária e os serviços contratados/conveniados), a rede assistencial, se organizada para a Saúde do Trabalhador, a exemplo do que já acontece com outras

modalidades assistenciais como a Saúde da Criança, da Mulher, etc., por meio da capacitação de recursos humanos e da definição das atribuições das diversas instâncias prestadoras de serviços, poderá reverter sua histórica omissão neste campo.

Os últimos anos foram férteis na produção de experiências - centros de referências, programas municipais, programas em hospitais universitários e ações sindicais - em diversos pontos do país, e em encontros de profissionais/trabalhadores ou técnicos para a produção das normas necessárias à operacionalização das ações de saúde do trabalhador pela rede de serviços em ambulatórios e/ou vigilância.

Neste segmento do trabalho, vai-se fazer uma exposição comparativa, com base nas entrevistas, do estado de saúde dos trabalhadores no Haiti e no Brasil.

"O trabalho que eu fazia no haiti era completamente diferente do daqui. Eu ficava na frente de um computador fazendo BO e mandando por BTS; atender ligações, só isso. Eu trabalhava 6h por dia, Eu dormia bem. Aqui no Brasil, eu trabalho quase 12 horas por dia. Por consequência, o meu estado de saúde ocupacional era bem melhor no Haiti."(Participante masculino, P1)

"São duas coisas diferentes, porque quando se faz comércio, se é autônomo, pode-se optar por ir trabalhar por uma semana se quiser. Mas, quando se trabalha para alguém, a exigivelmente, tem que ir. O meu estado de saúde era melhor no Haiti."(Participante feminino, P2)

"Eu adoecia com muita frequência no Haiti devido à estrutura do país... Aqui, é diferente."(Participante masculino, P3)

"O meu estado de saúde no Haiti era mais normal porque no Haiti, eu não tomava um monte de remédio para controlar a dor, eu não ia muito ao hospital, mas aqui é o contrário."(Participante masculino, P4)

Pelo meus 2 anos e 7 meses de trabalho aqui, eu sinto que a minha saúde fica mais precária do que lá no Haiti."(Participante masculino, P5)

"Quando eu estava no Haiti a minha saúde ficava mais normal. Eu trabalhava comigo mesmo, através de comércio. Eu ia trabalhar quando eu quisesse. Estando aqui e trabalhando na Vibra, é uma obrigação para ir trabalhar."(Participante feminina, P6)

"Não há uma grande diferença. No Haiti, eu não ia muito ao Hospital porque eu trabalha na minha profissão. Eu não fazia muito esforço que nem aqui. Aqui no Brasil, eu acho que o meu estado de saúde piorou, até porque eu vivo indo ao hospital. Ainda bem que eu tenho acesso ao serviço de saúde. Às vezes, nem vou ao hospital, eu faço um chá e tomo. Aqui no quintal de casa, há algumas plantas medicinais."(Participante masculino, P7)

"No Haiti, eu estava mais firme."(Participante masculino, P8)

3.1. Do trabalhador ao trabalho a DOR(T)/ LER

As atividades em frigoríficos aceleram-se em função da crescente demanda mundial em alimentos que o Brasil tem produzido em escala também cada vez maior. Nos últimos anos, essas indústrias apresentaram as mais altas incidências de doenças relacionadas ao trabalho. Assim, existem evidências de uma óbvia multiplicação dos Distúrbios Ostéo-musculares relacionados ao Trabalho e das Lesões por Esforço Repetitivo (DORT/LER) neste segmento. As afecções agrupadas nas DORT/LER tiveram um importante incremento nos últimos tempos e são consideradas, por vários autores, como uma epidemia (ASSUNÇÃO; ALMEIDA, 2003). Também, esta é a opinião de diversos sindicatos de trabalhadores que fazem a contagem das lesões e mutilações que literalmente abatem os funcionários. Este fato torna-se um grave problema de saúde coletiva, sendo que são 2 milhões de empregos diretos no setor frigorífico (bovinos, suínos e aves), dos 500 mil nos matadouros de aves.

No Brasil, as relações entre trabalho e saúde do trabalhador conformam um mosaico, coexistindo múltiplas situações de trabalho caracterizadas por diferentes

estágios de incorporação tecnológica, diferentes formas de organização e gestão, relações e formas de contrato de trabalho, que se refletem sobre o viver, o adoecer e o morrer dos trabalhadores. Essa diversidade de situações de trabalho, padrões de vida e de adoecimento tem se acentuado em decorrência das conjunturas política e econômica. O processo de reestruturação produtiva, em curso acelerado no país a partir da década de 90, tem consequências, ainda pouco conhecidas, sobre a saúde do trabalhador, decorrentes da adoção de novas tecnologias, de métodos gerenciais, da precarização das relações de trabalho e do próprio ambiente de trabalho.

A precarização do trabalho caracteriza-se pela desregulamentação e perda de direitos trabalhistas e sociais, a legalização dos trabalhos temporários e da informalização do trabalho. Como consequência, pode-se observar um aumento do número de trabalhadores autônomos e subempregados e uma fragilização das organizações sindicais e das ações de resistência coletiva e/ou individual dos sujeitos sociais. A terceirização, no contexto da precarização, tem sido acompanhada de práticas de intensificação do trabalho e/ou aumento da jornada de trabalho, com acúmulo de funções, maior exposição a fatores de riscos para a saúde, descumprimento de regulamentos de proteção à saúde e segurança, rebaixamento dos níveis salariais e aumento da instabilidade no emprego. Tal contexto está associado à exclusão social e à deterioração das condições de saúde.

A adoção de novas tecnologias e métodos gerenciais facilita a intensificação do trabalho que, aliada à instabilidade no emprego, modifica o perfil de adoecimento e sofrimento dos trabalhadores, expressando-se, entre outros, pelo aumento da prevalência de doenças relacionadas ao trabalho, como as Lesões por Esforços Repetitivos (LER), também denominadas de Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT); o surgimento de novas formas de adoecimento mal caracterizadas, como o estresse e a fadiga física e mental e outras manifestações de sofrimento relacionadas ao trabalho. Configura, portanto, situações que exigem mais pesquisas e conhecimento para que se possa traçar propostas coerentes e efetivas de intervenção.

Nesta pesquisa, tanto os entrevistados, quanto as pessoas que participaram dos grupos focais, por unanimidade, relataram que, com o trabalho no frigorífico, a dor é inevitável.

"Trabalhar em frigorífico já se resume em mal-estar. Setor de produção é sempre terrível. Acorda-se bem cedo para ir trabalhar

com uma rotina repetitiva, movimentos e esforços repetitivos, é claro que isso tudo vai acarretar uma dor"(Participante masculino, P1)

"Até agora, eu sinto dor nos pés. Sim, isso tudo é relacionado ao trabalho. Eu fui fazer um exame, ainda não peguei o resultado. Quero saber de verdade o que está acontecendo." (Participante masculino, P4)

"Somente dores...As minhas costas não aguentam mais. No setor onde eu trabalho é um setor muito duro. Dor nas costas, nos braços, pois para embalar é tudo manual." (Participante feminina, P6)

"Sempre fico com dor de cabeça. Tem tudo a ver com o trabalho. Imagina eu acordando às 4 da manhã para começar a trabalhar às 6...nesse horário eu deveria estar dormindo. A minha rotina de trabalho me deixa sempre com dor de cabeça. E geralmente quando se sente a dor na parte de frente é porque não se dorme o suficiente. Às vezes eu vou ao posto de saúde justamente para tomar soro. Durante os meus dois anos de trabalho, eu venho sentindo dor nas costas. Assim, eu sempre vou no posto para conseguir remédio só para acalmar a dor porque passar, nunca vai..." (Participante masculino, P7)

Embora as inovações tecnológicas tenham reduzido a exposição a alguns riscos ocupacionais em determinados ramos de atividade, contribuindo para tornar o trabalho nesses ambientes menos insalubre e perigoso, constata-se que, paralelamente, outros riscos são gerados. A difusão dessas tecnologias avançadas na área da química fina, na indústria nuclear e nas empresas de biotecnologia que operam com organismos geneticamente modificados, por exemplo, acrescenta novos e complexos problemas para o meio ambiente e a saúde pública do país. Esses riscos são ainda pouco conhecidos, sendo, portanto, de controle mais difícil.

Com relação aos avanços da biologia molecular, cabe destacar as questões éticas decorrentes de suas possíveis aplicações nos processos de seleção de trabalhadores, por meio da identificação de indivíduos suscetíveis a diferentes doenças. Essas aplicações geram demandas no campo da ética, que os serviços de

saúde e o conjunto da sociedade ainda não estão preparados para atender. Constituem questões importantes para a saúde dos trabalhadores nas próximas décadas.

O incentivo à adoção de ginástica laboral na rotina de trabalho serviria para reduzir o impacto das dores oriundas do próprio trabalho. Segundo Longen (2003), a ginástica laboral apresenta-se como um campo de prática de alguns profissionais da saúde que vem sendo posto à utilização há alguns anos, como ferramenta de prevenção, em especial de LER/DORT. Apesar da pouquidade de estudos epidemiológicos analisando a eficácia de programas de ginástica laboral, existem relações concretas que comprovam os benefícios da prática de exercícios físicos na vida do ser humano, neste caso, na saúde do trabalhador.

3.2. O adoecimento no trabalho

Desde na antiguidade, já haviam relatos sobre doenças cuja causa se devia ao trabalho. No ano de 1700, Ramazzini (1985), considerado o "pai da medicina do trabalho", descreve uma relação entre dezenas de ofícios e os principais problemas de saúde apresentados pelos trabalhadores, examinando a importância do conhecimento a respeito da profissão dos pacientes pelos médicos, a fim de realizar um diagnóstico correto e seguir os procedimentos curativos adequados.

O desencadeamento de transformações radicais no modelo de produção, a partir da Revolução Industrial, tendo início no Reino Unido em meados do século XVIII, acarretou o aumento na frequência dos casos de acidentes e doenças relacionadas ao trabalho. As grandes cidades surgiram e intensifica-se a urbanização a partir da migração dos camponeses, aprovendo a demanda da mão de obra, agora tão necessária ao sistema fabril (DESJOURS, 2003). Essa mão de obra, que muitos intelectuais da área chamam hoje em dia de força de trabalho, desprotegida tanto legal como representativamente, foi excessivamente explorada (especialmente a infantil) e mantida em nível de subsistência, prosperando a miséria e a fome (HOBBSAWM, 2009). A sociedade industrial, segundo Dejours (2003) convivia com alta morbidade, crescente mortalidade e por consequência, longevidade reduzida.

Governo, empresas e sindicatos vêm negociando desde 2011, na tentativa de chegarem a um consenso sobre o tema. Este grupo de representantes, denominada GTT Frigoríficos (Grupo de Trabalho Tripartite sobre Abate e

Processamento de Carnes e Derivados) esteve reunido recentemente pela oitava vez e aprovou por unanimidade a nova norma regulamentadora (NR) do setor (ABIEC, 2012; CEDOP/UFRGS, 2012). A norma é o reflexo da preocupação das autoridades com as estatísticas de acidentes de trabalho e doenças ocupacionais registradas pelo Ministério da Previdência Social nesse ramo de atividade. De acordo com o Governo Federal, somente no ano de 2011 foram registrados 19.453 acidentes e 32 óbitos em frigoríficos.

O Ministério do Trabalho e Emprego publicou em abril de 2013 a Portaria 555, que aprova a Norma Regulamentadora nº 36 (NR-36), entendida como NR dos frigoríficos. Esta trata de segurança no trabalho, buscando prevenir e reduzir os acidentes de trabalho de doenças ocupacionais através da adequação e organização dos postos de trabalho, gerenciamento de riscos, disponibilização de EPI's adequados, adoção de pausas, rodízios de atividades, entre outras. Definir requisitos mínimos para a avaliação, controle e monitoramento dos riscos existentes nas atividades desenvolvidas nesse setor é o objetivo do dispositivo.

Os trabalhadores compartilham os perfis de adoecimento e morte da população em geral, em função de sua idade, gênero, grupo social ou inserção em um grupo específico de risco. Além disso, os trabalhadores podem adoecer ou morrer por causas relacionadas ao trabalho, como consequência da profissão que exercem ou exerceram, ou pelas condições adversas em que seu trabalho é ou foi realizado. Assim, o perfil de adoecimento e morte dos trabalhadores resultará da amalgamação desses fatores, que podem ser sintetizados em quatro grupos de causas (MENDES, 1999):

- doenças comuns, aparentemente sem qualquer relação com o trabalho;
- doenças comuns (crônico-degenerativas, infecciosas, neoplásicas, traumáticas, etc.) eventualmente modificadas no aumento da frequência de sua ocorrência ou na precocidade de seu surgimento em trabalhadores, sob determinadas condições de trabalho.
- doenças comuns que têm o espectro de sua etiologia ampliado ou tornado mais complexo pelo trabalho. A asma brônquica, a dermatite de contato alérgica, a perda auditiva induzida pelo ruído (ocupacional), doenças músculo-esqueléticas e alguns transtornos mentais exemplificam esta possibilidade, na qual, em decorrência do

trabalho, somam-se (efeito aditivo) ou multiplicam-se (efeito sinérgico) as condições provocadoras ou desencadeadoras destes quadros nosológicos;

- agravos à saúde específicos, tipificados pelos acidentes do trabalho e pelas doenças profissionais.

As doenças profissionais e do trabalho inserem-se no contexto do que se denomina nos documentos oficiais como *acidentes de trabalho*, caracterizado pelo Ministério de Saúde brasileiro como:

Evento súbito ocorrido no exercício de atividade laboral, independente da situação empregatícia e previdenciária do trabalhador acidentado, e que acarreta dano à saúde, potencial ou imediato, provocando lesão corporal ou perturbação funcional que causa, direta ou indiretamente, a morte, ou a perda ou redução permanente ou temporária, da capacidade para o trabalho (BRASIL, 2006, p.11)

Segundo Praun (2016), os acidentes de trabalho encontram-se tipificados em três modalidades: acidentes típicos, doenças e acidentes de trajeto. Os acidentes típicos são aqueles que ocorrem durante a jornada de trabalho, fatais ou não, geralmente causadores de lesões e ferimentos visíveis no corpo, fraturas, mutilações, entre outros, ocasionados por episódios claramente delimitados no espaço e no tempo, mesmo que com desdobramentos posteriores. Já os acidentes de trajeto são resultados de ocorrências situadas no tempo de deslocamento do trabalhador entre sua casa e local de trabalho e vice-versa.

O artigo 3 da Lei nº 8.080, de 19/09/1990 do Sistema Único de Saúde (SUS), denominada "Lei Orgânica da Saúde", indica:

"Os níveis de saúde expressam a organização social e econômica do País, tendo a saúde como determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, a atividade física, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais."(LEI 8.080/1990)

Tendo em vista que o trabalho figura-se na lista acima, é preciso que ele seja garantido da forma mais salubre possível. Nos frigoríficos, os acidentes de trabalho vêm de vários horizontes, devido à estrutura do local.

"Eu adoeci no trabalho, por consequência, às vezes, eu passava cerca de 5 dias por mês no hospital. Eu sinto vários distúrbios. Eu estou com uma hérnia, revelada recentemente. Quando eu estava trabalhando, os médicos não conseguiram descobrir o que eu tinha. Agora que eu não estou trabalhando, eu fui num médico particular e ele descobriu que eu estou com hérnia. Essa doença tem tudo a ver com o meu trabalho porque onde eu trabalhava, eu ficava só carregando pesos e também eu trabalhava num espaço frio demais. Antigamente, eu achava que eu tinha pedras nos rins porque, pelos diagnósticos de vários médicos, saía esse resultado. E agora, o último me falou que não é pedras nos rins, mas sim uma hérnia. O chefe me falou uma vez que se eu preciso ir ao hospital, cabe à empresa a responsabilidade de me levar, eu não posso ir por conta própria. Ou seja, mesmo estando doente, eu tenho que ir trabalhar. Às vezes eu ficou com dor de cabeça, dor nas costas, nem dá para acordar, levantar e pegar o ônibus para ir trabalhar." (Participante masculino. P5)

Levando em consideração o intuito desta pesquisa, ao cuidado dos meus leitores, disponibilizo uma parte do livro "As doenças dos trabalhadores" escrito pelo pai da medicina do trabalho: Bernadino Ramazzini. Nesta parte, ele aborda os trabalhadores que ficam em pé durante todo o processo laboral que, por outras causas, como sejam, a posição dos membros, dos movimentos corporais inadequados, enquanto trabalham, apresentam distúrbios mórbidos, tais como os operários que passam o dia de pé, sentados, inclinados, encurvados, correndo, andando a cavalo ou fatigando o seu corpo por qualquer outra forma.

Em primeiro lugar, aparecerão em cena os que têm de permanecer parados, isto é, os carpinteiros, os podadores e cortadores, os escultores, os ferreiros, os pedreiros e muitos outros que deixo de mencionar agora para não estender demasiadamente essa nomenclatura. Nas artes que têm de ficar de pé, os operários estão propensos, sobretudo, às varizes. Pelo movimento tônico dos músculos, é retardado o curso, quer fluente, quer refluyente, do sangue que então se estanca nas veias e válvulas das pernas, produzindo aquelas tumerações chamadas varizes. A importância da distensão dos músculos para demorar o movimento natural do

sangue pode experimentar qualquer pessoa, em si mesma, ao constatar quão lento fica seu próprio pulso, se é tomado com o braço distendido. A distensão das fibras musculares das pernas e das costas comprime as artérias dirigidas para baixo, as quais, restringindo seu canal, não impelem o sangue com o ímpeto habitual nos que caminham e alternam, portanto, a atividade dos músculos. O sangue que volta das artérias às veias não obtém da ação arterial a força necessária para subir perpendicularmente, e, privado do seu impulso, demora-se e produz as varizes das pernas. Assim disse Juvenal do arúspice, pois essa classe de homens tinha o costume de permanecer muito tempo de pé, examinando as entranhas das vítimas:

“O arúspice volverá varicoso.”

Um dos exercícios militares característicos do exército romano consistia em permanecer muito tempo de pé, com tal firmeza que mal se pudesse mover, disse o doutíssimo Mercurial em seu livro “Ginástica”, e supõe, com bastante probabilidade, que C. Mário ficara varicoso por permanecer sempre de pé durante suas atuações militares, como convinha a um poderoso chefe. Vespasiano, informa Suctônio, dizia que um imperador devia morrer de pé. Por isso, C. Mário, habituado à referida posição, enquanto se sentava com uma perna, sofreu a ruptura de varizes. Também o Príncipe dos Poetas mostra Enéas de pé, quando o médico Japis se esforça para retirar-lhe uma flecha encravada.

“Estava parado Enéas, e, com bramido acerbo, se apoiava em sua gigantesca lança.”

Digno de admiração é o que A. Gélio conta de Sócrates: “que costumava estar parado, trabalhando dia e noite, tenazmente, desde que amanhecia até que voltava o sol a cair, sem fechar os olhos, sem se mover do lugar, com o rosto e o olhar dirigidos para o mesmo ponto, meditando, como se a alma e a mente se tivessem separado do corpo”.

As profissões que obrigam a permanência de pé também podem ocasionar úlceras nas pernas, fraqueza nas articulações, perturbações dos rins e urina sanguinolenta. Observei que vários servos das cortes principescas (e nobres da Corte do Rei da Espanha, onde não se usam assentos) se queixavam de dores nos rins, eles mesmos achando não ser outra a causa que o contínuo trabalho de pé,

não a atribuindo à doença. Para manter o corpo ereto necessariamente devem estar em tensão as fibras dos músculos lombares, condição que compromete os rins, não seguindo o sangue seu curso natural tão livremente, nem dele se separa o soro, do que derivam os distúrbios mencionados.

Também o debilitamento do estômago está na dependência da posição de pé; nos eretos e parados, o estômago fica suspenso, o que não se verifica nos sentados que dobram o corpo e fazem descansar o estômago sobre os intestinos; por isso, todas as vezes que sentimos algum mal-estar no estômago, inclinamos o corpo para a frente e contraímos as pernas e os joelhos. O doutíssimo Bacon informou que os condenados a remar, ainda que expostos a fadigas, são bastante robustos e têm bom aspecto porque remam sentados e exercitam mais os membros que o abdômen e o estômago, e que se dá a mesma coisa com os tecelões que movimentam ao mesmo tempo as mãos e os pés; engordam mais e adquirem melhor compleição quando as partes externas se movimentam e as internas descansam, pois, estando de pé ou caminhando, cansam-se mais facilmente.

Merece ser examinado por que o posicionamento de pé provoca tanta lassidão, ainda que não dure muito em comparação com a marcha e até com prolongadas carreiras; geralmente, acredita-se que é devido ao movimento tônico de todos os músculos antagônicos de extensão e de flexão, em esforço contínuo, para que o homem se mantenha erguido; porém Borel não aceita essa opinião, demonstrando que a manutenção do braço em linha reta se faz sem a intervenção dos músculos flexores e, unicamente, pela ação dos extensores. A verdadeira razão pela qual se produz tanta lassidão naquele caso, o engenhoso escritor a deduz da atividade constante dos próprios músculos; a natureza os sustém se se compraz de movimentos alternos e interpolados, por isso não fatiga tanto o caminhar, e os que estão parados descansam melhor apoiando-se em um e outro pé; esta característica da natureza se observa nos irracionais como nos galos, quando se sustentam em uma perna e deixam a outra dobrada; nos quadrúpedes, como nos asnos, quando estão parados, que também se apoiam alternadamente em cada uma das patas traseiras.

Essa alternância é agradável não só nos movimentos do corpo como também em todas as funções naturais. Adquirimos moléstia ao contemplarmos com olhar fixo um objeto, ao percebermos o mesmo som com os ouvidos, ao sermos servidos nos

banquetes com os mesmos manjares, ao sentirmos sempre igual odor nas narinas; para a natureza são agradáveis as alternativas e as mudanças. Assim, os Hebreus, alimentados de maná celeste no deserto, invocavam os alhos e as cebolas do Egito, e conforme disse Horácio:

“Zombam dos que tocam sempre na mesma corda.”

É necessário, pois, aconselhar, na oportunidade, os que se dedicam a ofícios pedestres, a que, tanto quanto possível, interrompam a posição contínua, seja se sentando, de quando em quando, seja caminhando ou movimentando o corpo de qualquer forma. Serão saudáveis para eles todas as medidas que previnam a fadiga e restituam o tônus ao organismo, como fricções úmidas, fomentações e banhos. Para a cura de varizes, úlceras, distúrbios renais e hérnias, consultem-se autores práticos que tenham escrito sobre o assunto. Não vem ao caso aqui me ocupar de tratamentos de enfermidade, e sim indicar aos professores habituados na clínica as afecções a que estão sujeitos os artífices.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro ponto importante a explicitar sobre o estudo do trabalho e da saúde é que o trabalho é uma categoria social e, portanto, deve ser tratado como tal em suas determinações múltiplas e não apenas como um fator de risco ambiental. Dado o lugar central que o trabalho ocupa em qualquer sociedade, parece inegável que deve ser um conceito-chave em qualquer tentativa estruturada de explicar as origens da doença. O que é trabalho então? De acordo com Marx, o trabalho é um processo consciente por meio do qual o homem se apropria da natureza para transformar seus materiais em elementos úteis para sua vida.

Para Dejours (2003), as relações do trabalho frequentemente despojam o indivíduo de sua subjetividade, excluindo o sujeito e transformando o homem em vítima do seu próprio trabalho. As contradições relacionadas entre capital e trabalho são os motivos que conduzem ao adoecer do trabalhador e ao sofrimento físico, psíquico e emocional. A dignidade humana precisa ser o valor supremo no mundo de trabalho e para tanto é necessário resistir e superar as barreiras impostas pelo mesmo, porém nem todos conseguem, o que conduz ao adoecer; ao sofrimento e ao fracasso. As estratégias de defesa podem ser conscientes ou inconscientes, mas representam em ambos os casos uma rejeição de sofrer, uma elaboração psíquica sobre o que faz sofrer, examinando a contradição entre a realidade vivenciada (de fracasso e sofrimento) pelo trabalhador e a organização do trabalho.

Todo dia, centenas de pessoas esticam as filas dos acidentados do trabalho em frigorífico do Brasil inteiro em decorrência da lógica perversa do capitalismo. Todo dia, vidas são arrebatadas. Todo dia, sonhos são cancelados para que uma pequeníssima elite de empresários possam desfrutar de luxos inconcebíveis para o grosso da população operária.

Entre os doentes, encontra-se também a categoria dos trabalhadores imigrantes haitianos que cruzaram fronteiras em busca de uma vida melhor. No caso deles, a migração se dá pela maioria das vezes por rede de solidariedade, onde os parentes até mesmo amigos decidem fazer empréstimo. Outros venderam terrenos, casas, e bens móveis tanto para poder financiar a própria viagem quando para ajudar a outrem a migrar. Assim, chegando no território brasileiro, estes estão sendo na obrigação de ressarcir as dívidas. De qualquer forma, o trabalho -em condição precário ou não- se apresenta como recurso adequado.

Chegando no Brasil, estes foram raptados pelo mercado de trabalho numa condição desumana para seguirem trabalhando na mesma condição. Sem saídas, estes artesãos não podem fugir, pois a família espera. Pode-se afirmar sem sombra de dúvida que: *"todo migrante tem sobre os seus ombros um peso, um peso que ele carrega com amor, com paixão mesmo na escuridão, um peso que faz viver, um peso que dá prazer."*

O processo de trabalho em frigorífico envolve inúmeros riscos para a saúde do trabalhador que poderiam ser alistados basicamente em dois tipos: riscos de doenças ocupacionais e riscos de traumas ou lesões. Materiais perfuro-cortantes, máquinas diversificadas, frio intenso e chão escorregadio e ensanguentado podem auxiliar para a ocorrência de acidentes diversos (cortes, traumatismos, amputações, perfurações e até mesmo a morte)

O capital mata. Ter capital é ter poder. Senão, se fosse pelo Código Sanitário do Estado do Paraná no seu artigo 131, os frigoríficos que não obedecem, não deveriam estar funcionando. O Estado do Paraná, provavelmente, tem uma fiscalização estadual que funciona. Vale fazer uma denúncia nesta instância, principalmente em locais com pisos escorregadios, com escadas entre outros problemas.

"O piso dos ambientes de trabalho não deve apresentar saliência ou depressão que prejudique a segurança na circulação de pessoas ou na movimentação de materiais, assim como deve ser mantido limpo e conservado, isento de substâncias que o torne escorregadio tais como: graxa, óleo, água, areia entre outras."

O processo de trabalho em que predomina a extração da mais-valia relativa é caracterizado por uma diferente forma de consumo da força de trabalho determinada pelos efeitos do aumento de produtividade, o que significa trabalhar com máquinas e a intensidade do trabalho. A introdução de uma tecnologia mais complexa implica, pelo menos até um certo limite, a exposição a riscos mais elevados por produtos químicos e acidentes. Os aumentos, tanto em intensidade como em produtividade, causam situações de estresse e fadiga, causando alterações fisiológicas no corpo que causam predisposições patológicas a curto e longo prazo. O desgaste do trabalhador será diferente e mais relacionado com os efeitos a longo prazo destes fenômenos, do que com os padrões de desgaste

"consumo excessivo de trabalho deficiente" típico do produtor de mais-valia absoluta.

A extensão da jornada de trabalho, intensificação do processo produtivo, assédio moral, ritmo da esteira, movimentos repetitivos, sobrecarga física, ruídos e pressão pelo cumprimento de metas podem acarretar processos que ao longo do tempo se transformam em doenças ocupacionais diversas, que também gerem incapacidade. Silva (2011) afirma que " a maximização da intensificação do trabalho exige um superatleta, rompendo também, neste aspecto, as barreiras de sua fisiologia, ou melhor, de sua dimensão psico-orgânica, desencadeando por sua vez, problemas físicos e psicológicos.

O desgaste mental é gerado nas situações de trabalho por ter papel importante na gênese de acidentes de trabalho (AT). Pois o desgaste atinge os dois âmbitos que se entrelaçam na vida mental-o cognitivo e o psicoafetivo. Isto é, o desgaste prejudica, de modo simultâneo, a concentração da atenção, o uso da memória, o raciocínio, além de impedir a rapidez necessária para a tomada de decisão em situações de emergências. Os prejuízos estendem-se à qualidade de comunicação e das interações. Diferentes situações geradoras de tensões, mal-estar, sentimentos de insegurança foram constatadas na causalidades dos acidentes (SILVA, 2011).

É claro que é inadequado considerar as doenças ocupacionais apenas acidentes e doenças ocupacionais. Pode-se supor que por trás da definição doenças ocupacionais limitadas, podemos encontrar uma conceituação de classe da doença e uma situação particular da luta de classes. Se a doença é conceituada como fenômeno biológico que ocorre no indivíduo, então suas causas devem ser agentes capazes de desencadear processos biológicos. As únicas doenças profissionais são aquelas que podem derivados diretamente de agentes biológicos, físicos ou químicos envolvidos no processo de trabalho técnico. Uma vez aceito este ponto de vista, a luta entre o trabalho e o capital, cujos resultados estão refletidos na legislação trabalhista, refere-se ao fato de o agente causar ou não a doença. Assumir um ponto de vista diferente implica questionar não apenas o lado técnico do processo de trabalho, mas também seus determinantes sociais.

O artigo 111 do Código Sanitário do Estado do Paraná diz: "Cabe às Secretarias Municipais de Saúde, a garantia do atendimento ao acidentado do trabalho e ao suspeito de doença relacionada com o trabalho, por meio de rede própria ou contratada, dentro de seu nível de responsabilidade da atenção, assegurando todas as condições necessárias para o acesso aos serviços de referência, sempre que a situação exigir, visando a reabilitação da saúde do trabalhador."

No entanto, todos os casos de acidentes de trabalho encontrados durante esta pesquisa ficam sem investigação. Isso tudo, devido à falta de equipe de saúde do trabalhador tanto do município de residência dos trabalhadores quanto do onde sedia a empresa. Essa impossibilidade de fazer investigação de acidente de trabalho é devido ao fato de que os trabalhadores não moram na mesma cidade onde fica a empresa. Portanto a vigilância sanitária de Itapejara d'Oeste não consegue fazer investigação fora da sua área de abrangência, ou seja, fora da sua jurisdição.

Questões próprias do campo da Saúde do Trabalhador, como os acidentes de trabalho, conectam-se intrinsecamente com problemas vividos hoje pela sociedade brasileira nos grandes centros urbanos. As relações entre mortes violentas e acidentes de trabalho tornam-se cada vez mais estreitas. O desemprego crescente e a ausência de mecanismos de amparo social para os trabalhadores que não conseguem se inserir no mercado de trabalho contribuem para o aumento da criminalidade e da violência.

As dificuldades para organizar o seu status migratório, revalidar o(s) seu(s) diploma(s), conseguir trabalho digno e seguro, seguidas da discriminação e vulnerabilidade crescentes, são alguns fatores que acabam competindo para enxotar os haitianos dos territórios da rota migratória até chegar ao Brasil. Com a persistência destes fatos em terra brasileira, muitos optam para ir no Chile, Canadá, Estados Unidos até mesmo voltar à terra natal: o Haiti.

A pressão começa desde no período em que o trabalhador se encontra em fase de experiência, onde o trabalhador apesar de não entender a língua tentar acompanhar o processo por "comunicações alternativas". Essa busca de sobrevivência, inserção social e plena cidadania é restrito. Os Haitianos não conseguem revalidar os seus diplomas profissionais e muito menos, prestar concurso público. Ou seja, desta forma, eles vão continuar compondo o precariado haitiano no universo brasileiro.

Este trabalho contribui para o desenvolvimento de estudos e pesquisas científicas na área de saúde do trabalhador, importante especialidade de saúde pública.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Desenhando a nova morfologia do trabalho e suas principais manifestações**. In: MERLO, A. R. C.; BOTTEGA, C. G.; PEREZ, K. V. (Orgs.). *Atenção à saúde mental do trabalhador: sofrimento e transtornos psíquicos relacionados ao trabalho*. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

ANTUNES, Ricardo; PRAUN, Luci. **A sociedade dos adoecimentos no trabalho**. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 123, p. 407-427, jul./set. 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚstriAS DE EXPORTAÇÃO DE CARNE. **Aprovada nova norma reguladora dos frigoríficos**. Disponível em: <http://www.abiec.com.br/notícia.asp?id=790#.UPXJjJY_RQ>. Acesso em: 03/12/2018

ASSUNÇÃO, A.; ALMEIDA, I. M. Doenças Osteomusculares Relacionadas ao Trabalho: membro superior e pescoço. In: MENDES, R. **Patologia do trabalho**. 2. ed. v. 2. São Paulo: Atheneu, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Notificações de Acidentes de Trabalho Fatais, Graves E com Crianças e Adolescentes**. Protocolos de Complexidade diferenciada 2. Séria A. Manuais Técnicos. Brasília/DF, 2006.

_____. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Exportação**. [online] Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sanidade-animal-e-vegetal/saude-animal/exportacao>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Capital e organização no capitalismo tecnoburocrático. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 165-185, Dec. 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702014000200010&lng=en&nrm=iso>. access on 28 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702014000200010>.

CÁRDENAS, Iréri Ceja. **Negociación de identidades de los migrantes haitianos em Quito**. 2014. 116 f. Tesis (Maestría en Antropología Visual y Documental Antropológico) - Departamento de Antropología, Historia y Humanidades, Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Quito - Ecuador.

CARNE, osso. Direção: Caio Cavechini & Carlos Juliano Barros. Produção: Maurício Hashizume. Sumaré: ONG Repórter Brasil, 2011. 1 DVD.

CARRERA, Gabriel Bernal. **La migración haitiana hacia Brasil: Ecuador, país de tránsito**. In: OIM - Organización Internacional para las Migraciones. *La migración haitiana hacia Brasil: características, oportunidades y desafíos*. Buenos Aires: OIM - Oficina Regional para América del Sur, 2014, p. 67 - 82.

DAVID, Marcel. **Les travailleurs et le sens de leur histoire**. Éditions Cujas. Série travailleurs. Toulouse, 1967, 371 p.

DEJOURS, Christophe. **A avaliação do Trabalho submetida à prova real**. In: SZNELWAR, Laerte Idal; MASCIA, Fausto Leopoldo (orgs.) *Cadernos TTO*. São Paulo: Blucher, 2008.

_____. **A loucura do trabalho: Estudos de Psicopatologia do Trabalho**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 168 p.

DIÁRIO DO SUDOESTE. **Noite Cultural Haitiana será no próximo sábado em Coronel Vivida**. Disponível em: <<https://www.diariodosudoeste.com.br/noticia/noite-cultural-haitiana-sera-no-proximo-sabado-em-coronel-vivida>>. Acesso em: 21/11/2018.

DIAS, S; GONÇALVES, A. **“Migração e Saúde”**, in DIAS, Sónia (org.), *Revista Migrações - Número Temático Imigração e Saúde*, Setembro 2007, n.º 1, Lisboa: ACIDI, pp.15-26.

FERNANDES, Duval; CASTRO, M. C. G. **La migration haïtienne au Brésil : résultat de l'étude à la destination.** In: La migration haïtienne vers le Brésil: Caratéristiques, Opportunités et Enjeux. Cahiers migratoires N° 6: OIM, juillet, 2014.

FERNANDES, Duval; FARIA, A. V. **A diáspora haitiana no Brasil: processo de entrada, caraterísticas e perfil.** In: Imigração haitiana no brasil. Jundiaí, Paco Editorial: 2016. p. 684.

FERNANDES, J. **Operação Haiti: ação comunitária ou interesse político para o Brasil?** Conjuntura internacional, n. 22. PUC Minas. Belo Horizonte, 2010.

GOVERNO DO PARANÁ. **Código de saúde do paraná.** Secretaria da Saúde. Curitiba, 2002. 262 p.

HOBBSAWM, E. J. **A Era das Revoluções 1789 - 1848.** 25. ed. São paulo: Paz e Terra, 2009. 600 p.

JACKSON, R. Les espaces haitiens: remapping the geography of the haitian diaspora. In: **Geographies of the Haitian diaspora Routledge.** New York, 2011.

LAURELL, A. C. **Proceso de trabajo y salud.** Cuadernos Políticos, número 17, México, D.F., editorial Era, julio-septiembre de 1978, pp.59-79.

LEDIX, Wendy. **Inserção e participação de imigrantes haitianos em universidades brasileiras.** Temáticas, Campinas, 25, (49/50): 271-298, fev./dez. 2017.

LEI Nº 8.080, DE 19 DE SETEMBRO DE 1990. **Câmara do Deputados.** Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1990/lei-8080-19-setembro-1990-365093-normaatualizada-pl.pdf>>. Acesso: 10/07/2018.

LENOIR, Rémi. **Objeto sociológico e problema social,** in Patrick Champagne, Remi Lenoir & Dominique Merllié, *Iniciação à prática sociológica,* Petrópolis: Vozes, 1998, p. 59-107.

LOUIDOR, W. E. Los flujos haitianos hacia América Latina: situaci[on actual y propuestas. Servicio Jesuita para Refugiados - Latinoamérica y el Caribe, 2011.

LOUIJUSTE, M. P. **El problema laboral de los haitianos en Quito**. Informe (Trabalho de investigação semestral em la Antropología Urbana, Carrera de Comunicación). Facultad de Ciencias Humanas y de la Educación Social, Universidad Politécnica Salesiana, Quito - Ecuador, 2013.

MAMED, L; LIMA, E. O. Movimento de trabalhadores haitianos para o Brasil nos últimos cinco anos: a rota de acesso pela Amazônia Sul Ocidental e o acampamento público de imigrantes do Acre. In: **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí, Paco Editorial: 2016. p. 113-172.

MAMED, L. H. Haitianos na Amazônia: A morfologia da migração haitiana pelo Acre e o horizonte de inserção precarizada no Brasil. **Ruris - Revista do Centro de Estudos Rurais**, Universidade Estadual de Campinas, Campina/SP. No prelo. 2015.

MAGALHÃES, L. F. A. **Imigração haitiana no estado de Santa Catarina**. In: Imigração haitiana no Brasil. p. 505-524.

_____. **Migrantes haitianos e bolivianos na cidade de São Paulo: transformações econômicas e territorialidades migrantes**. REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, v. 26, n. 52, abr. 2018, p. 75-94

MARX, K.. **O Capital**: crítica da economia política. Livro 1: o processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MENDES, R.; DIAS, E. C. **Saúde dos trabalhadores**. In: ROUQUAYROL M. Z.; ALMEIDA FILHO, N. (Eds.). *Epidemiologia & Saúde*. 5. ed. Rio de Janeiro: Medsi, 1999, p. 431-456.

MINNISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Projeto pedagógico do curso de Saúde Coletiva**. Disponível em: <<https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/PPC-SaudeColetiva.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

MORGAN, D.(1997). **Focus group as qualitative research**. Qualitative Research Methods Series. 16. London: Sage Publications.

NETTO, J. P. **Crise do socialismo e ofensiva neoliberal**. São Paulo: Cortez, 1993.

OFFE, C; BERGER, U. O dilema da racionalização do trabalho dos empregados: Reflexões sociológicas para a explicação do status de empregados, a partir do seu trabalho enquanto "prestação de serviços". In: **Trabalho e Sociedade: Problemas estruturais e perspectivas para o futuro da "Sociedade do Trabalho"** / Claus Offe; tradução de Gustavo Bayer e Margit Martincic. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.

PRADO, E. J. P; COELHO, R. **Migrações e trabalho**. Brasília : Ministério Público do Trabalho, 2015, 236 p.

PRAUN, Luci. **Reestruturação produtiva, saúde e degradação do trabalho**. Campinas: Papel Social, 2016.pp.195.

SAYAD, A. **A emigração e os paradoxos da alteridade**. São Paulo; Edusp, 1998. Actes de la recherche en sciences sociales, n. 2, mar. 1975, pp. 50-66.

RAMAZZINI, B. **As doenças dos trabalhadores**. Tradução brasileira do "DE MORBIS ARTIFICUM DIATRIBA" pelo Dr. Raimundo Estrela. São Paulo: Fundacentro, 1985. 180 p.

RAMAZZINI, B. **As doenças dos trabalhadores**. 4ª edição. São Paulo: Fundacentro, 2016.

SILVA, E. S.**Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo**. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, M. O. S. **Refletindo a pesquisa participante no Brasil e na América Latina**. São Paulo: Cortez, 1986.

SILVA, S. **Brazil, a new eldorado for immigrants?: the case of haitians and the Brazilian immigration policy**. Urbanities, v. 3, n. 2, nov. 2013.

VEIGA, L.; GONDIM, S.M.G. (2001). **A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político**. Opinião Pública. 2(1), 1-15.

APÊNDICES

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Migração

- 1.- Como e quando chegou ao Brasil?
- 2.- Como chegou em Coronel Vivida?
- 3.- Viajou sozinho(a) ou com a família? Caso seja necessário...
- 4.- Qual o(s) objetivo(s) da sua migração?
- 5.- Você já voltou ao Haiti (a visita, a trabalho...)

Trabalho

- 1.- Onde você trabalha?
- 2.- Em qual setor?
- 3.- Você trabalhava no Haiti? Se sim, onde?
- 4.- Como você foi recrutado no seu atual emprego?
- 5.- Você foi indicado por um conterrâneo?
- 6.- Há quanto tempo você trabalha na empresa?
- 7.- Qual a sua rotina de trabalho?
- 8.- Você já recebeu ameaça no trabalho?
- 9.- Você já exigido para trabalhar mais do que o necessário?
- 10.- Você já sofreu um acidente de trajeto ou de trabalho?
- 11.- Você já pensou em mudar de trabalho? Por quê?
- 12.- Você se sente confortável no seu cargo?
- 13.- Você gostaria de me contar algo mais em relação à sua condição de trabalho?
Ex: renumeração nos últimos meses, forma de pagamento, uso do salário, forma de contrato, envio do dinheiro...

Saúde

- 1.- Você utiliza o serviço de saúde da cidade?
- 2.- Você têm o cartão SUS?
- 3.- Você sente algum distúrbio, mal estar? Se sim, você acha que é relacionado ao trabalho?
- 4.- Como você avaliaria o seu estado de saúde? (No Haiti e aqui no Brasil)
- 5.- Você já usou o posto de saúde? Como foi?
- 6.- Você está com um problema de saúde específico?
- 7.- Você gostaria de me contar algo mais em relação à sua saúde enquanto trabalhador(a)?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário da pesquisa " TRABALHO E PROCESSOS SOCIAIS DE SAÚDE-DOENÇA: TRABALHADORES HAITIANOS NO SUL DO BRASIL ", que faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso do curso de graduação de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) sob a orientação do profa. **Dra. Édina Mayer Vergara** e desenvolvimento pelo estudante **Wendy Ledix**. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido tem como fim assegurar seus direitos e seu conhecimento sobre o estudo como participante, feito em duas vias, para que uma fique com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e tranquilidade, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Você poderá, se preferir, levar para casa o Termo e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar da pesquisa.

O objetivo desta pesquisa é: Investigar as condições de recrutamento, demissão, trabalho e saúde dos trabalhadores haitianos em determinadas localidades da região Sul do Brasil.

Ressaltamos que a identidade do participante será mantida sob sigilo e as informações fornecidas por ele serão utilizadas somente para fins acadêmico-científicos. Esta pesquisa não oferecerá riscos e/ou desconfortos aos voluntários envolvidos.

Ao final do estudo o voluntário poderá ter acesso aos resultados da pesquisa, caso deseje. Esta pesquisa não prevê nenhuma remuneração em troca da participação e o voluntário poderá desistir da pesquisa no momento em que desejar, sem necessidade de notificação por escrito.

Eu, _____, declaro que estou ciente das informações das quais me foram transmitidas e concordo voluntariamente em participar desse estudo.

Coronel Vivida, _____ de _____ de 2018.

(Assinatura da orientadora)

(Assinatura do participante)

(Assinatura do estudante)